



INSTITUTO POLITÉCNICO DE COIMBRA
ESCOLA SUPERIOR AGRÁRIA

**Mestrado em Direito à Alimentação e
Desenvolvimento Rural**

Relatório de Estágio Profissionalizante

**ATIVIDADES REALIZADAS EM COOPERAÇÃO COM A
FUNDAÇÃO EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO –
FERRAMENTAS PARA O FUTURO**

Nadir Maria Sampaio Faria

Coimbra, 2013



INSTITUTO POLITÉCNICO DE COIMBRA
ESCOLA SUPERIOR AGRÁRIA

**Mestrado em Direito à Alimentação e
Desenvolvimento Rural**

Relatório de Estágio Profissionalizante

**ATIVIDADES REALIZADAS EM COOPERAÇÃO COM A
FUNDAÇÃO EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO –
FERRAMENTAS PARA O FUTURO**

Nadir Maria Sampaio Faria

Coimbra, 2013



INSTITUTO POLITÉCNICO DE COIMBRA
ESCOLA SUPERIOR AGRÁRIA

**Mestrado em Direito à Alimentação e
Desenvolvimento Rural**

Relatório de Estágio Profissionalizante

**ATIVIDADES REALIZADAS EM COOPERAÇÃO COM A
FUNDAÇÃO EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO –
FERRAMENTAS PARA O FUTURO**

Nadir Maria Sampaio Faria

Orientador: Carlos José Dias Pereira

Local de estágio: Fundação Educação e Desenvolvimento (FED) - Bissau

Coimbra, 2013

Este Relatório de Estágio Profissionalizante foi elaborado expressamente para a obtenção de grau de Mestre de acordo com o despacho nº 19151/2008 de 17/07/2008, referente ao Regulamento do Ciclo de Estudos conducente à obtenção do grau de Mestre do Instituto Politécnico de Coimbra.

Agradecimentos

À FED (direção, técnicos e animadores)
por ter aceitado receber-me e por me integrar tão bem no seio da equipa.

Ao meu orientador.

À minha família e ao Cipri
por serem o meu porto seguro e por compreenderem a minha vontade de ir.

Ao Alexandre Furtado e à *Joia*
pelo acolhimento, acompanhamento e amizade.

Ao Miguel Filipe Silva e ao Júlio Santos
por me incentivarem e apoiarem com os contactos com a FED.

Aos *GEEDianos*
pelo companheirismo, força e abraços.

À Belén e à Iria
por termos sido verdadeiras “companheiras de casa”.

Aos meus amigos
por saber que o são.

Pa tudu gentis di Guiné
ki fasim ri.

*É uma luta para ter pão, para ter terra, mas livremente.
Uma luta para ter escolas, para que as crianças não sofram, para ter hospitais.
É assim a nossa luta.
É também uma luta para mostrar à face do mundo que somos gente com dignidade.*

Amílcar Cabral

Resumo

Integrado no Mestrado em Direito à Alimentação e Desenvolvimento Rural, decorreu entre 18 de junho de 2012 e 11 de janeiro de 2013 o Estágio Profissionalizante que teve lugar na Fundação Educação e Desenvolvimento (FED) em Bissau. Dele resultou este relatório onde se descrevem as atividades realizadas: (i) pesquisa e tradução de materiais didáticos; (ii) apoio na elaboração de planos curriculares para cursos técnicos no domínio agropecuário; (iii) apoio em formações no Centro de Formação e Produção de Nhacra-Teda; (iv) organização de encontros sobre Segurança Alimentar e Associativismo e Cooperativismo; (v) realização de um breve estudo sobre a situação alimentar nas 15 comunidades beneficiárias dos projetos geridos pela FED e (vi) página de *Internet*. A FED tem como finalidade apoiar o desenvolvimento comunitário e tem centrado as suas atividades na área de educação, segurança alimentar e saúde e intervém nos setores de Nhacra e Safim. Dado que a Guiné-Bissau é largamente fustigada pela insegurança alimentar, com 22% da população subnutrida, todo o trabalho desenvolvido para contrariar estes factos é de extrema importância. Apesar do trabalho já desenvolvido nas comunidades, pela FED, verificou-se que não se cumprem ainda os parâmetros que permitem atingir a segurança alimentar.

Palavras-chave: educação, desenvolvimento, segurança alimentar, comunidades.

Abstract

The final training of the master's degree on Right to Food and Rural Development, between June 18th, 2012 and January 11st, 2013, was held at the Foundation for Education and Development (FED), in Bissau. From it, resulted this document which describes the activities performed: (i) research and translation of teaching materials; (ii) support the development of curricula for technical courses in the agricultural domain, (iii) support training at the Training and Production Centre of Nhacra-Teda; (iv) organizing meetings on Food Security and on Associations and Cooperatives; (v) short study on the food situation in 15 communities benefiting from projects managed by FED and (vi) webpage. FED aims to support community development and has focused its activities on education, food security and health areas and operates in the sectors of Nhacra and Safim. Once Guinea-Bissau is largely affected by food insecurity, with 22% of the population undernourished, all the work done to counter these facts is of major importance. Despite the work developed by FED in the communities, we concluded that they still don't meet the parameters which allow achieving food security.

Keywords: education, development, food security, community.

Índice

1	Introdução.....	1
2	Objetivos	4
3	Revisão de literatura.....	5
3.1	Guiné-Bissau – breve contextualização	5
3.2	Caracterização e contextualização da instituição de estágio	7
3.3	Segurança alimentar	8
3.3.1	Segurança alimentar – estratégias previstas em documentos nacionais	12
4	Principais atividades realizadas e Metodologia.....	14
4.1	Pesquisa e tradução de materiais didáticos.....	14
4.2	Apoio na elaboração de planos curriculares para cursos técnicos no domínio agropecuário 14	
4.3	Apoio em formações no Centro de Formação e Produção de Nhacra-Teda	15
4.4	Organização de encontros sobre Segurança Alimentar e Associativismo e Cooperativismo 16	
4.5	Realização de um breve estudo sobre a situação alimentar nas 15 comunidades beneficiárias dos projetos geridos pela FED, dos setores de Nhacra e Safim	17
4.6	Página de <i>Internet</i> da FED	20
4.7	Outras atividades	20
5	Resultados	21
5.1	Organização de encontros sobre Segurança Alimentar e Associativismo e Cooperativismo 21	
5.2	Realização de um breve estudo sobre a situação alimentar nas 15 comunidades beneficiárias dos projetos geridos pela FED, dos setores de Nhacra e Safim	24
5.3	Página de <i>Internet</i> da FED	45
6	Discussão.....	46
7	Considerações finais.....	48
8	Referências bibliográficas	51
8.1	Fontes documentais	53
8.2	Sítios de <i>Internet</i> consultados:	53
9	Anexos.....	54
9.1	Anexo 1 – Inquérito por questionário.....	55

9.2	Anexo 2 – <i>Curriculum vitae</i> da Fundação Educação e Desenvolvimento	62
9.3	Anexo 3 - Plano Estratégico da FED 2013 – 2015 (versão provisória)	67

Lista de abreviaturas

DENARP II - Segundo Documento de Estratégia Nacional de Redução da Pobreza

FAO - Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura

FED – Fundação Educação e Desenvolvimento

IA – Insegurança alimentar

IEPALA - Instituto de Estudos Políticos para a América Latina e África

INE-GB – Instituto Nacional de Estatística da Guiné-Bissau

MADR – Ministério da Agricultura e do Desenvolvimento Rural

MEPIR - Ministério Da Economia Do Plano E Integração Regional

ODM – Objetivos de Desenvolvimento do Milénio

PAM - Programa Alimentar Mundial das Nações Unidas

PIB – Produto Interno Bruto

UNDP - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

USD - Dólar dos Estados Unidos

Lista de figuras

Figura 1 - Mapa da República da Guiné-Bissau	1
Figura 2 - Repartição do PIB por atividades económicas na Guiné-Bissau	6
Figura 3 - Representação dos ODM.....	9
Figura 4 - Esquema ilustrativo do aumento da fome na África Sub-Sahariana.....	9
Figura 5 - Momento da formação sobre gestão de explorações suínas.....	15
Figura 6 - Momento da Formação de Animadores Veterinários Comunitários.....	15
Figura 7 - Momento do Encontro sobre cooperativismo e segurança alimentar	17
Figura 8 - Imagens da recolha da aplicação dos inquéritos por questionário	19
Figura 9 - Distribuição da escolaridade dos 177 jovens agricultores que participaram no levantamento em Safim e Nhacra	22
Figura 10 - N.º de culturas por agricultor, pelos 177 jovens que participaram no levantamento em Safim e Nhacra.....	22

Figura 11 - Culturas produzidas pelos 177 jovens agricultores que participaram no levantamento em Safim e Nhacra.....	23
Figura 12 - Propriedade do terreno cultivado pelos 177 jovens agricultores que participaram no levantamento em Safim e Nhacra	23
Figura 13 - Género dos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar	24
Figura 14 - Idade dos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar	25
Figura 15 - Estado civil dos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar	25
Figura 16 - Número de elementos do agregado familiar dos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar.....	26
Figura 17 - Escolaridade dos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar	26
Figura 18 - Frequência à escola das crianças em idade escolar do agregado familiar dos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar.....	27
Figura 19 - Motivo de abandono escolar das crianças em idade escolar do agregado familiar dos inquiridos para o estudo sobre segurança alimenta.....	27
Figura 20 - Situação laboral dos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar	28
Figura 21 - N.º de pessoas assalariadas no agregado familiar dos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar.....	28
Figura 22 - Gastos diários em alimentação no agregado dos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar.....	29
Figura 23 - Gastos mensais em roupa no agregado dos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar.....	30
Figura 24 - Gastos mensais em saúde no agregado dos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar.....	30
Figura 25 - Gastos mensais em educação no agregado dos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar.....	31
Figura 26 - Rendimentos mensais no agregado dos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar.....	31
Figura 27 - Capacidade de poupança no agregado dos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar.....	32
Figura 28 - N.º de refeições diárias, n.º de refeições feitas em casa e n.º de refeições fora de casa no agregado dos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar	32
Figura 29 - N.º culturas produzidas (antes da formação na FED) pelos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar.....	33

Figura 30 - N.º culturas produzidas (depois da formação na FED) pelos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar.....	33
Figura 31 - Área de produção (antes da formação na FED) dos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar.....	34
Figura 32 - Área de produção (depois da formação da FED) dos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar.....	34
Figura 33 - Local de venda dos excedentes dos inquiridos para o estudo sobre segurança.....	43

Lista de tabelas

Tabela 1 – Principais culturas da Guiné-Bissau.....	6
Tabela 2 - Distribuição da insegurança alimentar pelos diferentes meios de subsistência.....	10
Tabela 3 - Distribuição da I. A. severa, por setores (em %)	11
Tabela 4 - Distribuição da I. A. moderada, por setores (em %)......	11
Tabela 5 - Distribuição do orçamento familiar dos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar.....	29
Tabela 6 - Tipo de culturas produzidas pelos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar antes de formação, e destino das mesmas	34
Tabela 7 - Tipo de culturas produzidas pelos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar e destino das mesmas.....	35
Tabela 8 - Origem das sementes das culturas para o estudo sobre segurança alimentar	35
Tabela 9 - Origem dos materiais de trabalho dos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar	36
Tabela 10 - Utilização e origem dos fertilizantes pelos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar.....	36
Tabela 11 - Animais produzidos, n.º de animais por produtor e destino dos animais	36
Tabela 12 – Consumo e origem do arroz por parte dos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar.....	37
Tabela 13 - Consumo e origem do milho por parte dos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar.....	37
Tabela 14 - Consumo e origem do peixe por parte dos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar.....	38

Tabela 15 - Consumo e origem de carne por parte dos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar.....	38
Tabela 16 - Consumo e origem de ovos por parte dos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar.....	38
Tabela 17 - Consumo e origem do pão por parte dos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar.....	39
Tabela 18 - Consumo e origem de leguminosas por parte dos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar.....	39
Tabela 19 - Consumo e origem de raízes e tubérculos por parte dos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar.....	40
Tabela 20 - Consumo e origem de hortícolas por parte dos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar.....	40
Tabela 21 - Consumo e origem de leite por parte dos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar.....	41
Tabela 22 - Consumo e origem de gorduras por parte dos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar.....	42
Tabela 23 - Consumo e origem de açúcar por parte dos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar.....	42
Tabela 24 – Outros alimentos consumidos pelos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar	43
Tabela 25 – Motivações para participar em formação dos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar.....	44
Tabela 26 - Mudanças indetificadas pelos inquiridos, para o estudo sobre segurança alimentar, desde que participaram em formação promovida pela FED	44

1 Introdução

O presente relatório resulta do estágio prático integrado desenvolvido entre junho de 2012 e janeiro de 2013 na Fundação Educação e Desenvolvimento, em Bissau, Guiné-Bissau, no âmbito do Mestrado em Direito à Alimentação e Desenvolvimento Rural - MDADR.

A Guiné-Bissau situa-se na Costa Ocidental de África, limitada a Norte pela República do Senegal, a Leste e Sul pela República da Guiné-Conacri e a Oeste pelo Oceano Atlântico. Divide-se em oito setores (Bafatá, Biombo, Bolama, Cacheu, Gabu, Oio, Quinara e Tombali) e um setor autónomo – Bissau (figura 1) e subdivide-se em 37 regiões.



Figura 1 - Mapa da República da Guiné-Bissau

Fonte: <http://www.africa-turismo.com/mapas/guine-bissau.htm>

É um país com baixo desenvolvimento humano, ocupando a posição 176 entre 187 países (UNDP, 2011). Cerca de 22% da população vive com menos de um dólar por dia e apenas um terço da população conta com mais de dois dólares por dia. A desigualdade na distribuição da riqueza é uma das maiores do mundo. A sua economia caracteriza-se pela escassa diversificação, dependendo, essencialmente, do setor primário que representa 62% do produto

interno bruto – PIB (MEPIR, 2011). Apesar das atividades económicas principais serem a agricultura e a pesca, e de serem fonte de rendimento para 85% da população, a insegurança alimentar é um problema eminente na Guiné-Bissau. A potencialidade do país em termos do primeiro setor está ainda subexplorada, podendo ser uma alavanca para acelerar o crescimento económico, sobretudo nas regiões com terras férteis, chuvas abundantes e ricas em biodiversidade. Nesse sentido, e tendo como finalidade apoiar o desenvolvimento comunitário e contribuir para que se alcance a segurança alimentar, a Fundação Educação e Desenvolvimento - FED desenvolve atividades de incremento, melhoria e diversificação das produções agrícolas nos setores em que atua - Safim e Nhacra. Segundo Amaro, 2009 cit. por Valada 2012, o desenvolvimento local detém três grandes bases: o próprio conceito de desenvolvimento, os mecanismos que favorecem os processos de desenvolvimento e as formas eficazes de atuação dos atores económicos, sociais e políticos. Ainda de acordo com o mesmo autor (Amaro, 2003: 65), desenvolvimento relaciona-se com “(...) pessoas e comunidades *pensarem e trabalharem em conjunto* e porem-se em marcha para criarem e inovarem respostas aos seus problemas, mobilizando as suas capacidades”. Em parceria com o Instituto de Estudos Políticos para a América Latina e África – IEPALA, a fundação implementou entre novembro de 2008 e dezembro de 2012 dois projetos, visando o desenvolvimento do tecido produtivo no setor agropecuário e a valorização e diversificação da produção local. O primeiro denominou-se *Desenvolvimento do tecido produtivo em Safim através da formação e organização da população e diversificação da produção local* e o segundo *Reforço do setor agropecuário de Safim e Nhacra em matéria de organização e capacitação das suas comunidades e de acesso aos recursos hídricos*. Contemplaram a horticultura como uma das atividades importantes de suporte ao programa, proporcionando formação sobre técnicas de produção a membros de associações de horticultores e formação a produtores sobre produção e comercialização agropecuária. Proporcionar momentos de formação vem no seguimento da linha de ação da FED que tem a educação como pilar do trabalho que desenvolve. As formações da FED são ministradas na sala de formação do seu Centro de Formação e Produção em Nhacra-Teda.

O estágio foi aceite com o propósito de se fazer um breve estudo sobre a situação alimentar nas quinze comunidades beneficiárias dos projetos – treze pertencentes ao Setor de Safim, região de Biombo (Reno, Sede, Safim Djirota, N’Ghanghan de Baixo, Quinhack, Quindiga, Ponta Adolfo Ramos, Ponta Rocha, Empelum, Intusso, Cumano, Blom e Ensalma) e duas pertencentes ao Setor de Nhacra, Região de Oio (Teda e Bondade). Foi, também, proposto o

apoio à formação de duas cooperativas agropecuárias nos mesmos setores e a organização de um encontro sobre a importância da autossuficiência alimentar e da segurança alimentar no processo de desenvolvimento das *tabancas*¹. Realizaram-se as atividades previstas, bem como, outras que se mostraram pertinentes durante o normal funcionamento da FED.

Nos capítulos seguintes descrevem-se os objetivos, as atividades desenvolvidas e os principais resultados obtidos durante o estágio. Nos resultados, dar-se-á maior destaque ao referido estudo porque foi dele que se obtiveram resultados mais mensuráveis. Os dois capítulos finais dizem respeito à discussão e às considerações finais.

¹ aldeias

2 Objetivos

Tendo em conta o tema do curso de mestrado, realizar o estágio na Guiné-Bissau teve como objetivos:

- Conhecer melhor e trabalhar num contexto de elevada vulnerabilidade e pobreza;
- Conhecer a dinâmica de uma organização que labora no âmbito do desenvolvimento comunitário, participando ativamente nas suas atividades;
- Ter oportunidade de aprender sobre outras culturas e meios de vida;
- Desenvolvimento pessoal.

Para tal, foram procuradas organizações que permitissem conseguir o atrás mencionado. Com algum conhecimento do âmbito de trabalho da FED, essa organização foi contactada e aceitou que se realizasse lá o estágio. No âmbito do mesmo, foram definidas três atividades principais a realizar aquando da colaboração com a FED. Definiram-se de acordo com as necessidades da Fundação e com o trabalho que desenvolve mas, também, de acordo com o tema do mestrado. As três atividades transformaram-se, também, em objetivos do estágio que, como referido, foram:

- fazer um breve estudo sobre a situação alimentar nas quinze comunidades beneficiárias dos projetos da FED nos setores de Safim e Nhacra;
- apoio à formação de duas cooperativas agropecuárias nos mesmos setores;
- organização de um encontro sobre a importância da autossuficiência alimentar e da segurança alimentar no processo de desenvolvimento das *tabancas*.

3 Revisão de literatura

3.1 Guiné-Bissau – breve contextualização

A Guiné-Bissau é um pequeno estado da África Ocidental com aproximadamente 1,5 milhões de habitantes, de acordo com os dados do Censo de 2009 do INE-GB. Tem uma população muito jovem situando-se 42,5% entre os 0 e 14 anos e 54,1% entre os 15 e os 64 anos.

Segundo os resultados do Inquérito Ligeiro para Avaliação da Pobreza II (INE-GB, 2011), a pobreza atinge 69,3% da população, que vive com menos de 2 USD diários e em pobreza extrema encontra-se 33% da população, que vive com menos de 1 USD diário. As regiões costeiras apresentam menores índices de pobreza do que as regiões interiores, assim como, a pobreza está mais presente nos meios rurais - 79,5% - (MEPIR, 2011) e nas camadas da população consideradas mais vulneráveis: mulheres, idosos e crianças. A maioria dos agregados familiares cozinha a lenha (63,4%) e a carvão (35%); apenas 6,3% possuem água canalizada dentro de casa ou no quintal (os restantes obtêm-na em fontes ou poços) e 65,7% usa a vela para iluminação (INE-GB, 2011). A dificuldade em obter água potável faz com que a população seja muito vulnerável a doenças.

No que concerne à escolaridade, a taxa de escolaridade básica situa-se nos 67,4% (MEPIR, 2011) e a taxa de alfabetização das pessoas com 15 anos ou mais é de 51,4% (homens 66,5% e mulheres 38%) (INE-GB, 2011).

Não obstante a potencialidade que o país tem devido aos seus recursos naturais, a economia da Guiné-Bissau é pouco diversificada e depende essencialmente do setor primário e de ajuda externa. A dependência de ajuda externa torna o país frágil e, de acordo com Bauer e Bauer e Yamey, 1981 cit. por Crossley e Watson, 2003, ajuda a manter certos regimes corruptos, sem reduzirem a pobreza. As causas do fraco desempenho económico na Guiné-Bissau prendem-se com fatores internos, principalmente, a instabilidade política e a redução do preço da castanha de caju e com fatores externos, como a subida do preço do petróleo. A agricultura é a principal fonte de emprego e rendimento da população mas ela própria é dominada pela produção de caju para obtenção de castanha de caju. “A indústria do caju tem experimentado um *boom* desde a década de 1980 e, especialmente, nos anos 90. As exportações aumentaram de 57000 toneladas em 1997 para mais de 93000 toneladas em 2004 e para mais de 100000 toneladas, em média, nos últimos três anos (MADR, 2010)”. “A produção de castanha de caju foi estimada em 136000 toneladas, em média, durante o período 2006-2010 (MEPIR, 2011 p. 107)”. Sendo a atividade económica impulsionada, principalmente, pelo desempenho do setor

do caju, em anos de baixa produção ou de interrupção da comercialização da castanha verifica-se diminuição do crescimento económico. A indústria é o segundo pólo de criação de riqueza, representando 13% do PIB, seguida pela administração pública, que corresponde a cerca de 10% (WFP, 2011). Por sua vez, o setor informal também tem importância na economia da Guiné-Bissau. Na capital, além da agricultura de subsistência generalizada, o comércio é a principal fonte de rendimento. Na figura 2 pode observar-se a repartição do produto interno bruto – PIB, na Guiné-Bissau.

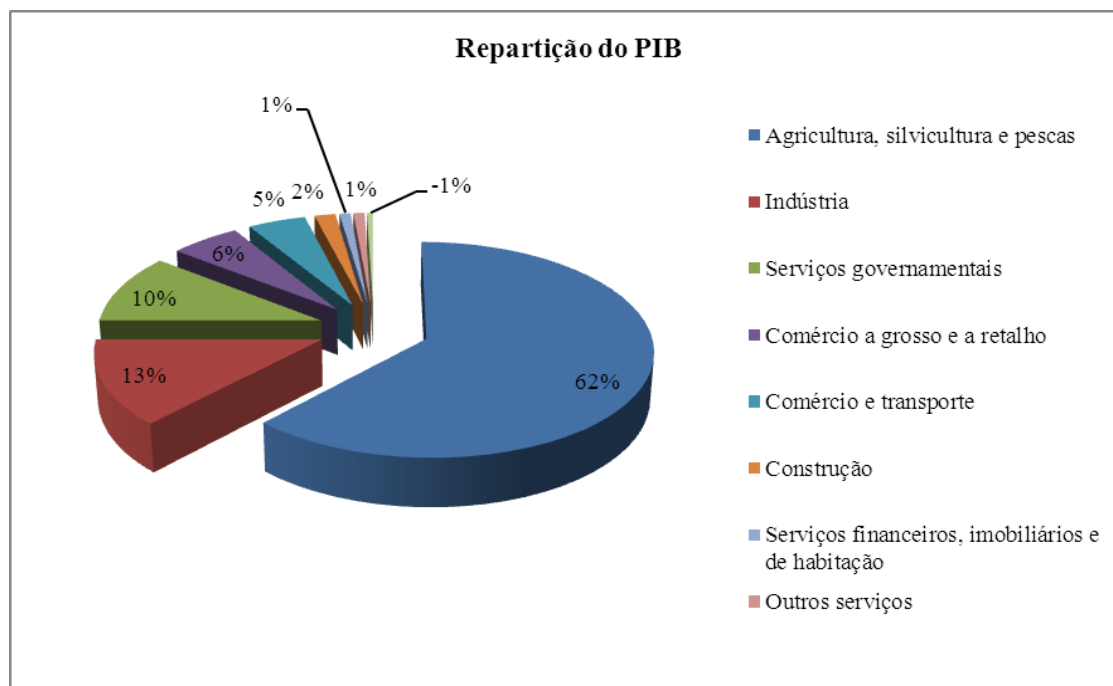


Figura 2 - Repartição do PIB por atividades económicas na Guiné-Bissau

Na tabela 1 ilustra-se a distribuição das principais culturas agrícolas da Guiné-Bissau, de acordo com o MADR e FAO (2007) e que contribuem para o PIB.

Tabela 1 – Principais culturas da Guiné-Bissau

Produto	Produção anual (toneladas)
Cereais secos (milho basil ² , milho preto ³ e milho cavalo)	112.698
Castanha de caju	100.000
Arroz em casca	88.000
Horticultura	40.000
Raízes e tubérculos (mandioca, batata, inhame...)	18.000
Citrinos	762
Manga	133
Banana	187

² Milho basil - *Pennisetum typhoides*

³ Milho preto - *Sorghum bicolor*

Mas a atividade agrícola tem tendência a diminuir e o abandono das terras a aumentar com a saída de jovens do meio rural para o meio urbano ou para países vizinhos. No entanto, em meio urbano não há respostas para a procura dos jovens. Em 2009, segundo dados do MEPIR (2011), a taxa de emprego era de cerca de 10,6% para a faixa etária entre os 15 e os 24 anos e de apenas 4,6% no caso das mulheres, dentro da mesma faixa. Significa, portanto, que a população se encontra cada vez mais em situação de vulnerabilidade alimentar e que é necessário que se definam estratégias que minimizem esta situação e que ofereçam à população das zonas rurais alternativas diferentes.

3.2 Caracterização e contextualização da instituição de estágio

A FED é uma pessoa coletiva de direito privado, sem fins lucrativos e de utilidade pública, que foi criada em 26 de fevereiro de 2002. Definiu e fixou nos seus estatutos, como sua finalidade, apoiar o desenvolvimento comunitário através da realização e patrocínio de ações de caráter socioeducativo, científico, produtivo e cultural, colocando no centro das suas ações esforços para colaborar com as comunidades e outros parceiros na educação das comunidades rurais.

A Fundação tem centrado as suas ações nas seguintes áreas que considera prioritárias:

- (i) Reforço das capacidades e competências locais, nos domínios de educação, administração, saúde, agricultura, pecuária e outros que possam contribuir para a melhoria das situações das comunidades beneficiárias;
- (ii) Segurança alimentar e produção agrícola;
- (iii) Educação Básica e proteção da pequena infância;
- (iv) Formação de docentes e educadores da infância;
- (v) Incremento do ensino técnico e profissional para a formação dos jovens, em especial das zonas rurais, na perspetiva de autoemprego;
- (vi) Educação para o exercício da cidadania, para a cultura da paz, para o reforço da democracia e para o desenvolvimento.

Na figura seguinte apresenta-se o organograma da Fundação. Através dele é possível verificar mais facilmente a sua organização formal e contextualizar as suas atividades.

Desde 2008 a FED desenvolve ações de apoio aos produtores, em especial mulheres hortifruticultoras, e aos criadores de gado nas comunidades dos setores de Safim e Nhacra. Apoiou-os na organização em torno de associações de produtores (maioritariamente com mulheres como membros efetivos), proporcionou formação aos membros das associações em

matéria de técnicas de produção agropecuária, apoiou-os tecnicamente e com material e presta seguimento sistemático nos seus campos de trabalho.

Para tornar as suas ações mais estruturadas e aumentar a sua eficácia, a FED dotou-se de um espaço em Nhacra Teda que denominou de *Centro de Formação e Produção*, instalado num terreno de 5,5 hectares, onde existem as instalações para a produção de suínos, as instalações para transformação de caju, uma sala de formação e área de cultivo.

O desenvolvimento comunitário e a área de segurança alimentar fazem parte do âmbito de atuação da FED e estão em consonância com temática do MDADR, pelo que o estágio profissionalizante se enquadra na fundação.

3.3 Segurança alimentar

Após a Primeira Guerra Mundial, com a perceção de que um país poderia subjugar outro se tivesse o controlo sobre o fornecimento de alimentos, surgiu o termo *segurança alimentar*. Tratava-se, portanto, de garantir capacidade de produção, reservas de alimentos, ou seja, autosuficiência de cada país. Essa ideia saiu reforçada em 1974, na 1.^a Conferência Mundial de Segurança Alimentar, após a crise alimentar de 1972-1974. Em 1983, a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura – FAO “apresentou um novo conceito de Segurança Alimentar que se baseava em três objetivos: (i) oferta adequada de alimentos; (ii) estabilidade da oferta e dos mercados de alimentos; (iii) segurança no acesso aos alimentos oferecidos ou doados (FAO, 1983 cit. por Bock, 2009)”. Mais tarde, na Declaração de Roma, a mesma organização estabeleceu que:

existe segurança alimentar quando as pessoas têm, a todo momento, acesso físico e económico a alimentos seguros, nutritivos e suficientes para satisfazer as suas necessidades dietéticas e preferências alimentares, a fim de levarem uma vida ativa e saudável. (FAO, 1996).

Acrescentaram-se as noções de *alimento seguro* (biológica e quimicamente); de *qualidade* (nutricional, biológica, sanitária e tecnológica); de *equilíbrio* da dieta e de *opções culturais* (hábitos alimentares) e de *sustentabilidade*.

Os objetivos de desenvolvimento do milénio - ODM, decorrentes da Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas - ONU, em setembro de 2000, a que se chamou Cimeira do Milénio, incluem como Objetivo 1 *erradicar a pobreza extrema e a fome até 2015*. Aquando da Cimeira, os líderes reafirmaram as suas obrigações perante a população mundial,

comprometendo-se a atingir, até 2015, um conjunto de objetivos específicos, a que chamaram ODM. Estabeleceram 8 ODM (Figura 3) com o propósito de terminar com a pobreza extrema e a fome, promover a igualdade entre géneros, erradicar doenças e fomentar novas bases para o desenvolvimento sustentável dos povos:

- (i) Erradicar a pobreza extrema e a fome;
- (ii) Alcançar o ensino primário universal;
- (iii) Promover a igualdade de género e a capacitação das mulheres;
- (iv) Reduzir a mortalidade infantil;
- (v) Melhorar a saúde materna;
- (vi) Combater o VIH/SIDA, a malária e outras doenças;
- (vii) Garantir a sustentabilidade ambiental;
- (viii) Criar uma parceria global para o desenvolvimento.



Figura 3 - Representação dos ODM

A alimentação adequada é, também, um dos direitos fundamentais consagrados na Carta dos Direitos Humanos das Nações Unidas. Contudo, ainda não existem mecanismos que o tornem efetivo. Apesar de o número de pessoas com fome no mundo ter diminuído, em 130 milhões, nos últimos 20 anos, ainda existem 870 milhões de pessoas com fome e, na África Sub-Sahariana, o número tem aumentado (FAO, 2012) - Figura 4. Na Guiné-Bissau, de acordo com dados do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - UNDP (2012), 22% da população está subnutrida e, como tal, longe de ver assistido o seu direito.

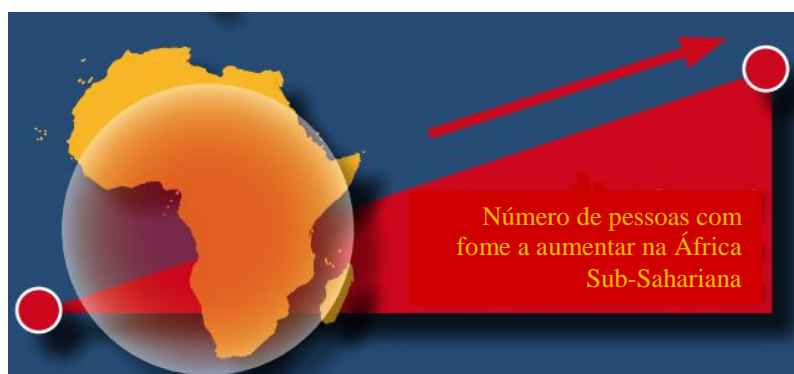


Figura 4 - Esquema ilustrativo do aumento da fome na África Sub-Sahariana

Adaptado de FAO, 2012

O Programa Alimentar Mundial das Nações Unidas fez uma avaliação sobre a segurança alimentar e a vulnerabilidade das famílias em meio rural, que publicou em 2011. Verificou-se a existência de 20% de famílias (179.000 pessoas) em insegurança alimentar (I.A.), das quais 12% (109.000 pessoas) se situam em I.A. moderada⁴ e 8% (70.000) em I.A. severa⁵ (WFP, 2011). Na tabela 2 expressa-se a distribuição da insegurança alimentar por grupos de meio de subsistência. Verifica-se que as famílias que vivem apenas da caça e de recolção são as mais vulneráveis à insegurança alimentar (38%), seguidas das que se dedicam à produção de óleo de palma e ao pequeno comércio. Depois as que se dedicam ao comércio em pequena escala, à troca ou transferência de dinheiro, ao artesanato, à cultura mista de caju e cereais, ao trabalho a “jornal” e à monocultura de caju.

Tabela 2 - Distribuição da insegurança alimentar pelos diferentes meios de subsistência

Meio de subsistência	% de famílias em I.A.
Caça e recolção	38,4
Produção de óleo de palma	25,9
Comércio em pequena escala	25,8
Transferência de dinheiro	23,0
Artesanato	20,7
Cultura mista de caju e cereais	20,9
Monocultura de caju	20,3
Trabalhar a “jornal”	19,2

No mesmo documento (WFP, 2011) é possível verificar que as Regiões do Sul e do Norte são mais afetadas pela insegurança alimentar. Nas tabelas 3 e 4 apresentam-se as regiões mais afetadas por insegurança alimentar severa e moderada, respetivamente. Da sua análise verifica-se que os setores mais afetados com I.A. severa são Quinara, Bolama, Oio e Biombo, todos com prevalência superior à média nacional. Por sua vez, os setores com I.A. moderada são Quinara, Cacheu, Oio e Gabu, tendo os três primeiros prevalência superior à média nacional e Gabu a mesma prevalência.

Biombo e Oio, que são os setores onde intervém a FED, são largamente afetados pela insegurança alimentar.

⁴ Famílias com restrição na quantidade de alimentos consumidos.

⁵ Famílias com consumo de alimentos deficiente ou limitado e que, ao mesmo tempo, pertencem ao grupo das famílias mais pobres segundo o índice de riqueza.

Tabela 3 - Distribuição da I. A. severa, por setores (em %)

I.A. severa, por setor (%)		
Regiões	Quinara	28
	Bolama	21
	Oio	11
	Biombo	11
	Cacheu	7
Média nacional		8

Tabela 4 - Distribuição da I. A. moderada, por setores (em %)

I.A. moderada, por setor (%)		
Regiões	Quinara	19
	Cacheu	15
	Oio	14
	Gabu	12
	Bafata	11
	Tombali	10
Média nacional		12

O acesso das famílias ao alimento é muito influenciado pela pobreza, pelos termos comerciais do arroz e do caju, pela fraca rede viária para transporte dos alimentos, pelas crises no comércio do caju, pela dificuldade na obtenção de sementes e fertilizantes, pela subida do preço dos alimentos, pelo aumento de doenças, por alterações nas condições climáticas e pela crise económica e financeira que se vive a nível global.

Apesar de todas as dificuldades, a maior parte dos agricultores guineenses produz, pelo menos em parte, o seu próprio alimento (arroz, milho, raízes e tubérculos, hortícolas), complementando a atividade agrícola com a pesca e a caça.

No entanto, a agricultura não se desenvolve devido a vários fatores enumerados por BOCK (2009) e que se resumem em:

- (i) Baixa produtividade dos sistemas de cultivo pelo facto de se utilizaram ainda técnicas tradicionais;
- (ii) Dependência da precipitação nos sistemas de *bolanha*⁶ salgada e doce pela fraca gestão dos recursos hídricos disponíveis;
- (iii) Degradação dos solos e da floresta pela intensificação da agricultura itinerante e pelo não uso de culturas regeneradoras.

⁶ Campo de cultivo de arroz

3.3.1 Segurança alimentar – estratégias previstas em documentos nacionais

Não obstante a situação ilustrada acima, a Guiné-Bissau possui vários programas nacionais que preconizam ações para que se melhore a situação da segurança alimentar no país.

(i) Programa Nacional de Segurança Alimentar da Guiné-Bissau

Este documento do MADR e da FAO data de junho de 2007 e nele estabelece-se que uma das medidas fundamentais a serem tomadas seria melhorar as técnicas de conservação e transformação de produtos alimentares. A maioria não está disponível todo o ano e, além de se conseguir manter o seu valor nutricional, poder-se-ia obter rendimento dos mesmos durante todo o ano e poder-se-iam diminuir as perdas no transporte e possibilitar que habitantes de diferentes regiões tivessem acesso a alimentos mais frequentes nas outras. Outra medida a ser tomada seria melhorar o armazenamento dos alimentos de forma a prolongar a sua durabilidade. Preconiza-se também a melhoria da rede viária e a capacitação de técnicos em questões ligadas à gestão e à logística.

(ii) Plano Nacional de Investimento Agrícola

Este plano do MADR foi criado em 2010 com o objetivo de apoiar, principalmente, a agricultura de âmbito familiar e de subsistência, que enfrenta mais problemas de ordem técnica e financeira. Tem 3 fases previstas, com o objetivo de acelerar o crescimento da agricultura e eliminar, progressivamente, a pobreza rural:

- 2010-2015 para criação ou reabilitação de estruturas e infraestrutura de apoio à produção;
- 2016-2021 para iniciativas de desenvolvimento e de investimento privado;
- 2021-2025 para promoção do comércio regional, inter-regional e internacional.

(iii) DENARP II

O Segundo Documento de Estratégia Nacional de Redução da Pobreza do MEPIR (2011) está dividido em vários eixos estratégicos, sendo que dedica o primeiro ao tema da Segurança Alimentar:

1.º eixo estratégico

Garantir a segurança alimentar: a política de segurança alimentar inclui:

- a) um aspeto ofensivo, que consiste em aumentar o máximo possível a produção de produtos alimentares estratégicos, como arroz, mandioca, milho e milho basil;
- b) um aspeto defensivo, que consiste em adquirir uma certa resiliência aos choques (alterações climáticas e económicas), por meio da reação rápida pós-catástrofe.

Segundo a FAO (2012), políticas e programas públicos devem criar um ambiente propício ao crescimento económico a longo prazo. Deve garantir-se o fornecimento de bens e serviços públicos para o desenvolvimento dos setores produtivos, o acesso equitativo aos recursos, a capacitação das mulheres e a criação e implementação de sistemas de proteção social. É essencial que exista, também, um sistema de governação melhorado, baseado na transparência, participação, responsabilidade, democracia e nos direitos humanos, para a eficácia de tais políticas e programas, tal como referiu, também, em 1995 Lipumba cit. por Roque (2007: p. 83), “(...) exige um governo capaz de construir a sua legitimidade, direcionando os seus esforços para o crescimento económico e a transformação estrutural”.

A insegurança alimentar debilita a sociedade, aumentando as doenças, a mortalidade e a incapacidade, aumentando os custos de lidar com os impactos na saúde. Estes, aumentam os custos indiretos por se diminuir a produtividade dos trabalhadores e pelo absentismo e diminuição de resultados na educação (UNDP, 2012). Por outro lado, “quanto maiores forem os níveis de literacia num país, maior a probabilidade de haver maior nível de desenvolvimento económico” (Crossley e Watson, 2003: p. 86). E ainda, “A boa nutrição é a chave para o crescimento económico sustentável (FAO, 2012: p. 20)”.

Na Guiné-Bissau os programas/planos que visam a redução da pobreza e o alcance da segurança alimentar não conseguem ser implementados devido à constante instabilidade política e à dificuldade de consolidação da paz no país, às frequentes alterações da equipa do governo, à baixa prioridade dada ao setor agrícola e ao baixo desenvolvimento do setor privado para criação de emprego e para o crescimento económico.

4 Principais atividades realizadas e Metodologia

Neste capítulo descrever-se-ão, brevemente, as principais atividades realizadas, bem como, a metodologia utilizada para a concretização das mesmas.

4.1 Pesquisa e tradução de materiais didáticos

Durante o estágio pesquisaram-se vários materiais didáticos que serviram e servirão de apoio em algumas das formações proporcionadas pela FED. Foi uma necessidade identificada, principalmente, sobre determinados temas e em Língua Portuguesa, entre os quais se destaca a educação nutricional. Como tal, foi traduzido o *Guia nutricional para a família* que foi elaborado pela FAO, em 2004. Foi traduzido não literalmente e procurando-se fazer referência a alimentos locais. As imagens foram retiradas das versões em Língua Inglesa e Língua Espanhola, disponíveis na página de *internet* da FAO⁷.

4.2 Apoio na elaboração de planos curriculares para cursos técnicos no domínio agropecuário

A FED candidatou-se a projetos na linha temática da *Educação/Formação Profissional* em que previu a realização de cursos técnicos no domínio da agricultura e pecuária, com o grande objetivo de *melhorar a produtividade e a profissionalização dos atores das fileiras agrícola e pecuária em equidade do género*. Como resultados principais definiram-se “Capacitar as mulheres e homens produtores e criadores de animais de *tabancas* de Safim e Nhacra nos domínios de horticultura, fruticultura e criação de animais” e “Melhorar as competências dos e das jovens para facilitar o acesso destes a atividades profissionais de autoemprego, através de cursos profissionalizantes”. Para tal foi necessário estruturar o currículo dos cursos. Na definição dos conteúdos foram tomadas em consideração as atividades desenvolvidas pelas comunidades nesses domínios e pensou-se em componentes teóricas e práticas. A parte teórica previu-se que fosse ministrada nas instalações do Centro de Formação e Produção de Nhacra-Teda e a parte prática dividida entre o terreno do Centro e o terreno dos próprios formandos.

⁷ <http://www.fao.org/docrep/008/y5740s/y5740s00.htm>

4.3 Apoio em formações no Centro de Formação e Produção de Nhacra-Teda

(i) Formação sobre gestão de explorações suínas – 25, 26, 27 e 28 de setembro

Esta formação realizou-se no âmbito da parceria entre a FED e o IEPALA, destinou-se aos técnicos do Centro e foi ministrada por um veterinário espanhol (figura 5). Os conteúdos abordados relacionaram-se com a formulação de rações, a importância e forma de fazer registos, a gestão do espaço e ciclos produtivos e pressupostos de produção. O papel desempenhado foi de acompanhamento, tradução para crioulo, quando necessário, e registo de conteúdos para apoio aos técnicos após o regresso do formador a Espanha.



Figura 5 - Momento da formação sobre gestão de explorações suínas

(ii) Formação de Animadores Veterinários Comunitários – 14, 15 e 16 de novembro

Esta formação foi desenvolvida no âmbito do projeto *Reforço do Setor Agropecuário de Safim e Nhacra em Organização e Capacitação das suas Comunidades e Acesso a Recursos Hídricos* (parceria FED-IEPALA). Teve como objetivo alertar criadores de gado dos setores de Safim e Nhacra para algumas práticas incorretas na criação de animais nas *tabancas*, que põem em risco a saúde dos animais e das próprias pessoas e, também, dotá-los de mais ferramentas para se tornarem agentes transformadores dessa realidade. Foi dinamizada pelo presidente da FED e pelo técnico-veterinário a serviço da mesma e contou ainda com a colaboração de um outro técnico-veterinário da Direção Geral de Veterinária. O apoio prestado relacionou-se com a organização dos conteúdos (selecionados pelo técnico-veterinário) e com a sua colocação em formato de apresentação de PowerPoint, com a organização do programa, com o acompanhamento da formação (figura 6) e com a elaboração do relatório da mesma.



Figura 6 - Momento da Formação de Animadores Veterinários Comunitários

4.4 Organização de encontros sobre Segurança Alimentar e Associativismo e Cooperativismo

(i) Encontro sobre Segurança Alimentar com jovens agricultores dos setores de Safim e Nhacra - 5 de Outubro

Este encontro foi realizado para 30 jovens agricultores dos setores de Safim e Nhacra. Antes do encontro foi feito um breve levantamento de dados, pelos animadores da FED, junto de 177 agricultores em que cada um prestou informação sobre:

- a) Idade;
- b) Habilitações;
- c) Culturas que produzem;
- d) Área de produção (de cada cultura);
- e) Produção (em kg de cada cultura);
- f) Experiência (anos);
- g) Se possui (ou não) terreno próprio.

Os dados recolhidos serviram para se ter documentado o perfil dos agricultores de Safim e Nhacra e se usarem, futuramente, como *lobby* junto das autoridades locais, para procurar apoios e preparar formações. Serviram também para comparar os dados recolhidos com os conhecidos a nível nacional e para motivar os próprios participantes na formação como força para se alcançar a segurança alimentar na família e na comunidade em que estão inseridos, através da apresentação do seu resumo numa apresentação de *PowerPoint*.

O apoio prestado relacionou-se com a sistematização dos dados recolhidos, com a preparação e do material para a formação e com a liderança da mesma. A formação contou com o apoio do presidente da FED, principalmente, nas questões linguísticas (tradução para crioulo). Os conteúdos foram transmitidos com recurso a uma apresentação em *PowerPoint*. Tentou-se transmitir o conceito de segurança alimentar e construir a consciência de que ela depende muito da produção local e, como tal, deles mesmos.

(ii) Encontro sobre cooperativismo e segurança alimentar – 24, 25, e 26 de outubro

Esta ação foi desenvolvida com o objetivo de preparação para implementação de uma das atividades previstas no projeto *Reforço do Setor Agropecuário de Safim e Nhacra em Organização e Capacitação das suas Comunidades e Acesso a Recursos Hídricos*: Criação de Cooperativas ou associações de produtores. Centrou-se, essencialmente, nos temas do *Cooperativismo* e da *Segurança Alimentar*. Neste encontro participaram mulheres e homens, na sua maioria, horticultoras(es) e produtoras(es) de gado. O apoio prestado relacionou-se com a preparação do material para a formação, com a organização do programa

e com a liderança da mesma. A formação iniciou-se com uma visita à Cooperativa Agropecuária de Jovens Quadros – COAJOC, em Canchungo e no restante tempo teve lugar no Centro Comunitário de Cumano (figura 7). Para a transmissão de conceitos teóricos, baseados no manual da FAO, *Desarrollo Cooperativo Agrícola – Un manual para capacitadores*⁸, recorreu-se à apresentação de diapositivos em *PowerPoint* e à apresentação de dois filmes curtos sobre cooperativismo retirados da *Internet*⁹. Lembrou-se o Dia Mundial da Alimentação, assinalado a 16 de outubro, que em 2012 teve como lema *Cooperativas agrícolas: a chave para alimentar o mundo*. Recordou-se que decorria o *Ano Internacional das Cooperativas* e o papel que têm para melhorar a segurança alimentar e contribuir para a erradicação da fome.



Figura 7 - Momento do Encontro sobre cooperativismo e segurança alimentar

Recorreu-se à utilização de dinâmicas, como forma de “quebra-gelo” e, também, como forma de consolidação da informação. A formação foi dinamizada com o auxílio do presidente da FED, durante os três dias. No final, entregou-se a cada participante um resumo teórico dos assuntos abordados. Foi ainda elaborado um relatório síntese para a FED e o IEPALA.

4.5 Realização de um breve estudo sobre a situação alimentar nas 15 comunidades beneficiárias dos projetos geridos pela FED, dos setores de Nhacra e Safim

Como mencionado, a realização de um breve estudo sobre a situação alimentar nas 15 comunidades beneficiárias dos projetos geridos pela FED era um dos objetivos do estágio.

“Nenhuma abordagem depende unicamente de um método, da mesma forma que não exclui determinado método (...) (Bell, 2004: p. 95)”. Para a realização do referido estudo, optou-se por se recolher os dados através de inquérito por questionário (Anexo 1). De acordo com Quivy e Campenhoudt (2005: 188), inquérito por questionário

consiste em colocar a um conjunto de inquiridos, geralmente representativo de uma população, uma série de perguntas relativas à sua situação social, profissional ou familiar, às suas opiniões

⁸ <ftp://ftp.fao.org/docrep/fao/005/x0475s/x0475s00.pdf>

⁹ <http://www.youtube.com/watch?v=fbQBELusMRA;>

<http://www.youtube.com/watch?v=wZRGQThunHE&feature=related>

(...). O questionário chama-se de “administração indireta” quando o próprio inquiridor o completa a partir das respostas que lhe são fornecidas pelo inquirido.

No caso, utilizou-se administração indireta de um questionário semiestruturado. Segundo Desai e Potter (2009), este tipo de questionário combina questões estruturadas para obtenção de respostas básicas com outras que permitam respostas mais flexíveis. Este constituiu-se por 17 perguntas, sendo 15 de resposta fechada e 2 de resposta aberta. O trabalho de campo foi realizado com o auxílio de dois animadores da FED, entre 12 de dezembro de 2012 e 10 de janeiro de 2013. Desai e Potter (2009) defendem que se se estiver a trabalhar noutra cultura, especialmente, se houver barreiras linguísticas, ou outras questões relacionadas com a cultura, se deve escolher cuidadosamente os assistentes/intérpretes para facilitar a pesquisa. Defendem, também, que o trabalho de campo em pesquisa para o desenvolvimento envolve relações profissionais, sociais e pessoais entre o pesquisador e pesquisado. Por isso e pela questão do tempo e da língua (alguns questionários tiveram de ser traduzidos para Balanta – língua da etnia local), foi fundamental a presença dos animadores. Devido a atividades anteriores da FED, conhecem os inquiridos e vice-versa, e isso facilitou a disponibilidade para nos receberem e responderem aos questionários (figura 8). Os dois inquiridores receberam uma breve formação para realização dos inquéritos. Foi-lhes mostrado o questionário, explicado o seu propósito e explicada questão por questão.

O inquérito foi aplicado a uma amostra de 100 pessoas. Segundo Albarello *et al.*, a amostragem é a operação que consiste em retirar um certo número de elementos (isto é, uma amostra) de um conjunto que se pretende observar ou tratar (população). A população do estudo são 724 membros das associações que fizeram formação em Horticultura ministrada pela FED, no âmbito do projeto *Desenvolvimento do tecido produtivo em Safim através da formação e organização da população e diversificação da produção local*¹⁰. Para alcançar os 724 membros a FED utilizou as seguintes estratégias:

¹⁰ O Projeto tinha como objetivo geral contribuir para melhorar o índice de desenvolvimento humano das comunidades rurais e peri-urbanas do setor autónomo de Bissau e setores de Biombo e Oio. Como objetivos específicos, a criação de oportunidades de formação técnico-profissional de qualidade nas áreas agropecuárias e a promoção de conhecimentos práticos aplicáveis na área da produção agropecuária e dirigida aos jovens das comunidades beneficiárias; fortalecer as capacidades locais para se conseguir uma efetiva transferência de conhecimentos horizontal e participativa entre as diferentes instituições de formação e unidades de produção agropecuária do país.

As linhas de ação eram três: i) Mobilizar e organizar as comunidades em torno de diversificação e valorização da produção local; ii) Melhorar a formação dos jovens no domínio agropecuário de maior incidência na região; iii) Aumentar a capacidade produtiva das comunidades beneficiárias.



Figura 8 - Imagens da recolha da aplicação dos inquéritos por questionário

- (i) Visita às comunidades selecionadas e encontros com os produtores nas comunidades para conhecimento das suas práticas e identificação das suas reais necessidades, visando a melhoria e a diversificação das suas produções;
- (ii) Organização dos interessados em associações;
- (iii) Informação e formações práticas nas comunidades e nos terrenos dos associados, sobre vários assuntos relacionados com as suas atividades abertas a todos os interessados, independentemente, das suas idades.
- (iv) Demonstrações nos terrenos dos beneficiários e nos terrenos do Centro de Formação e Produção de Nhacra sobre técnicas modernas de produção hortícola;
- (v) Fornecimento de meios de trabalho (materiais, sementes, plantas e fertilizantes, incluindo alguns poços tradicionais) às associações beneficiárias.

Na amostra estão presentes pessoas das 15 comunidades beneficiárias dos projetos (Reno, Sede, Safim Djirora, N'Ghanghan de Baixo, Quinhack, Quindiga, Ponta Adolfo Ramos, Ponta Rocha, Empelum, Intusso, Cumano, Blom, Ensalma, Nhacra Teda e Nhacra Bondade). A amostra constituiu-se a partir da lista dos membros das associações, de forma a que o número de pessoas de cada comunidade na amostra fosse proporcional ao da população. Utilizou-se, portanto, a amostragem aleatória estratificada. Na amostragem aleatória estratificada divide-se primeiro a população em subgrupos (neste caso, consideram-se as comunidades), calcula-se o peso relativo desses subgrupos na população e, em seguida, utiliza-se em cada um deles um procedimento de amostragem aleatória simples para escolher os que irão integrar a amostra (na mesma proporção em que estão representados na população).

4.6 Página de *Internet* da FED

A página de *Internet* foi construída a partir de um sítio que permitiu que se alojasse gratuitamente o subdomínio da FED (pela localização geográfica alguns sítios recusaram o registo da fundação). A página foi construída no *www.yola.com* e os conteúdos introduzidos basearam-se em documentos existentes na fundação, como estatutos, relatórios e fotografias. Os menus e a organização da página foram pensados pela estagiária e aprovados pelo presidente da FED. Antes de terminar o estágio foi passada informação de como editar ou acrescentar conteúdos ao presidente e a um dos técnicos da fundação para que pudessem fazer a atualização da página, sempre que acharem pertinente.

4.7 Outras atividades

Além das atividades referidas, foi prestado apoio sempre que solicitado. Entre as que ainda não foram referidas, enumeram-se como mais importantes, a reestruturação do organigrama da FED, a elaboração do seu *curriculum vitae* (Anexo 2) e do seu Plano Estratégico (Anexo 3). Os últimos são documentos importantes para a candidatura a projetos e a financiamento. O *curriculum* foi construído tendo por base registos documentais da FED e ficou concluído. Relativamente ao Plano Estratégico, foi construído tendo por base as áreas de atuação da fundação, os princípios por que se rege e objetivos que pretende atingir. Ficou terminada uma primeira versão a ser apresentada na próxima reunião de direção para apreciação.

5 Resultados

Neste capítulo dar-se-á destaque aos resultados das atividades que estavam previstas no plano de estágio.

5.1 Organização de encontros sobre Segurança Alimentar e Associativismo e Cooperativismo

(i) Encontro sobre Segurança Alimentar com jovens agricultores dos setores de Safim e Nhacra - 5 de outubro

Neste ponto, serão apresentados os mesmos resultados que foram apresentados no encontro que teve lugar a 5 de outubro no Centro de Produção e Formação de Nhacra Teda. Estes resultados têm como base o levantamento de dados realizado nos sectores de Safim e Nhacra. No levantamento participaram 6 mulheres e 171 homens, num total de 177 jovens agricultores, com idade média de 27,4 anos. A figura 9 ilustra a distribuição da escolaridade dos que participaram no levantamento. Da sua observação verifica-se que varia entre os 0 e os 12 anos. A maior parte possui o 11.º ano de escolaridade (21,5%), seguindo-se os que possuem o 8.º ou o 9.º ano (12,4%). Com o 12.º ano encontramos 6,2 % dos inquiridos. Em média, os jovens agricultores têm 8,3 anos de escolaridade.

Do levantamento realizado, verificou-se, ainda, que em Safim e Nhacra se produzem 25 culturas e que número de culturas produzidas por agricultor varia entre duas e dez. A maioria dos agricultores produz quatro, três e cinco culturas (28,8%, 23,7% e 13,6%, respetivamente), de acordo com a figura 10. As que têm maior expressão são o arroz, a mandioca, a mancarra (amendoim), o caju e o feijão com as percentagens de 20,6%, 16,9%, 13,7%, 10,8% e 10,4%, respetivamente. A abóbora, a alface, a beringela, a malagueta e o pimento são as menos cultivadas com percentagens inferiores a 1% (figura 11). No que diz respeito à propriedade de terreno, a maior parte trabalha o terreno do pai ou o próprio (48,0% e 40,3%). Não possuindo terreno próprio, todos trabalham terrenos que pertencem à família (pai, mãe, irmão, tio, avó ou cunhado) – figura 12.

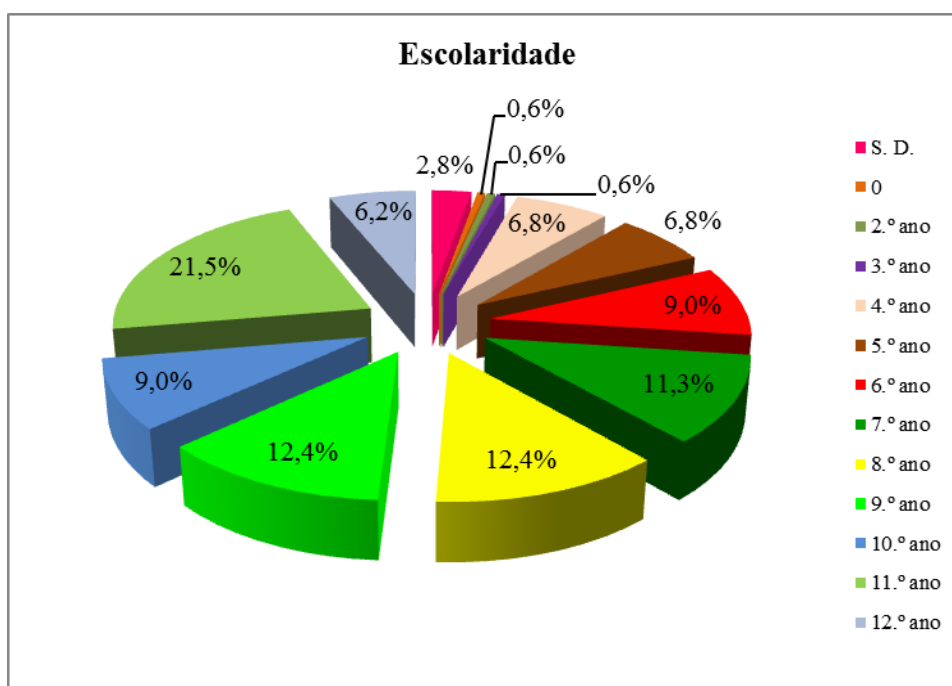


Figura 9 - Distribuição da escolaridade dos 177 jovens agricultores que participaram no levantamento em Safim e Nhacra

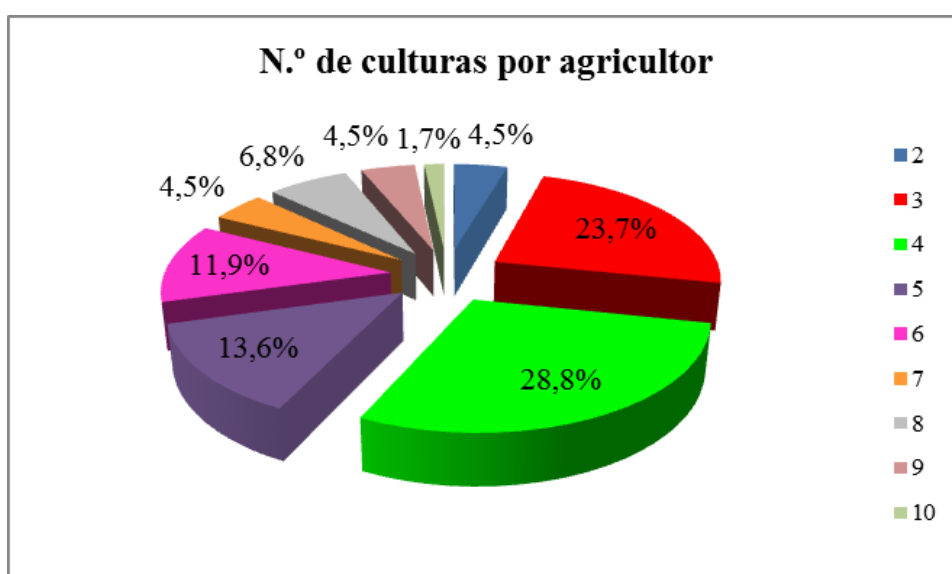


Figura 10 - N.º de culturas por agricultor, pelos 177 jovens que participaram no levantamento em Safim e Nhacra

Propriedade do terreno

Parentesco	Porcentagem
Pai	48,0%
Próprio	40,3%
Mãe	5,9%
Tio	3,3%
Imão	0,9%
S. D.	0,8%
Avó	0,6%
Cunhado	0,1%

Figura 12 - Propriedade do terreno cultivado pelos 177 jovens agricultores que participaram no levantamento em Safim e Nhacra

(ii) Encontro sobre cooperativismo e segurança alimentar – 24, 25, e 26 de outubro

No final da formação, os participantes, mostraram interesse em constituir, num futuro próximo, a(s) sua(s) própria(s) cooperativa(s). Três dos participantes ficaram responsáveis por voltar a conversar com os restantes e pensarem mais concretamente na forma de operacionalizarem o processo. Mais tarde, reuniram-se e definiram os passos seguintes no processo de criação da sua(s) cooperativa(s). Efetivamente, de entre o grupo de formandos, surgiu a criação de uma cooperativa, com 7 elementos, de âmbito agrícola e de nome *Dinâmica*. Os membros da *Dinâmica* estão em processo de legalização da cooperativa e elaboraram o respetivo programa de atividades, juntamente com o cronograma entre novembro de 2012 e o final de 2013. Estabeleceram que os produtos a cultivar, de início, são: batata-doce, cana-de-açúcar, mandioca, feijão, amendoim e milho (basil, preto e cavalo). Para o processo de legalização da cooperativa contam com o apoio jurídico da FED.

5.2 Realização de um breve estudo sobre a situação alimentar nas 15 comunidades beneficiárias dos projetos geridos pela FED, dos setores de Nhacra e Safim

Neste ponto serão apresentados os resultados apurados pelo inquérito por questionário aplicado a 100 horticultores de 15 comunidades. As respostas das perguntas abertas foram categorizadas para a apresentação dos resultados. Foram entrevistadas 94 mulheres e 6 homens (figura 13) com idades compreendidas entre os 20 e os 70 anos (figura 14).

A média de idade é de 40 anos e a maioria dos entrevistados é casada (figura 15).

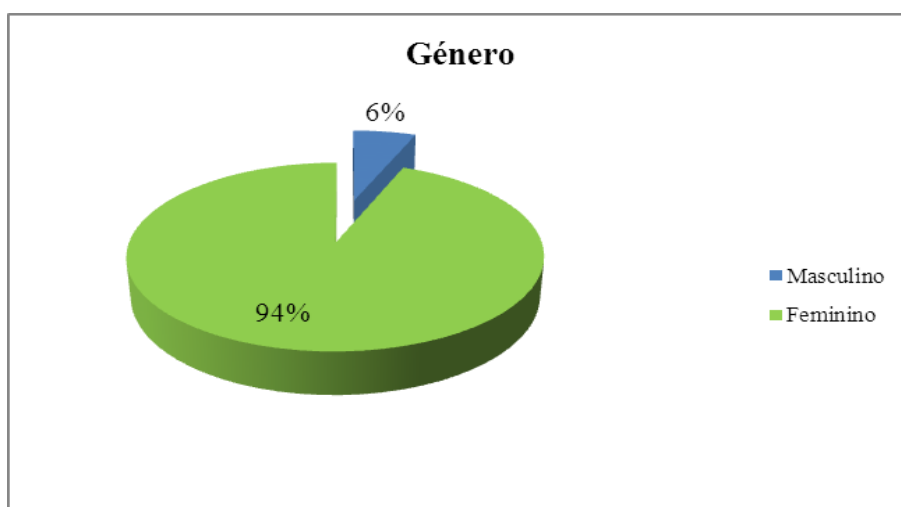


Figura 13 - Género dos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar

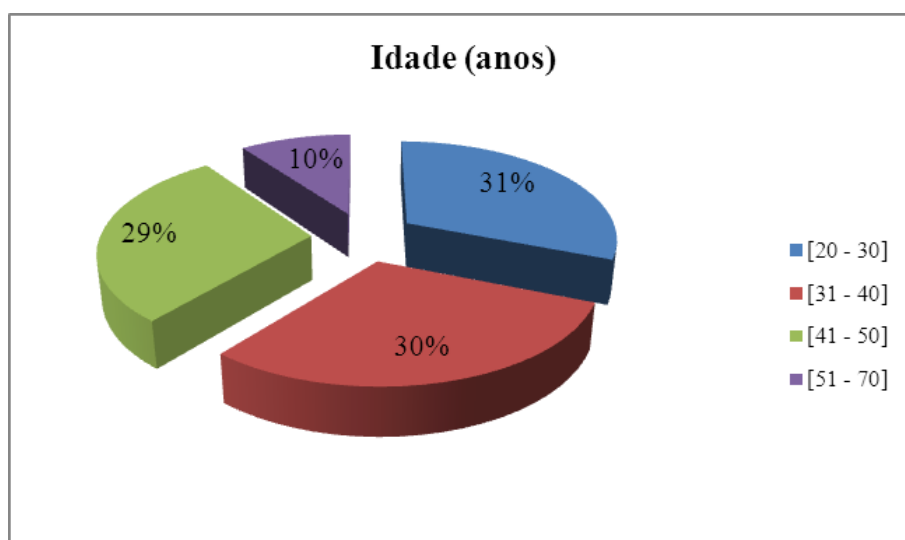


Figura 14 - Idade dos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar

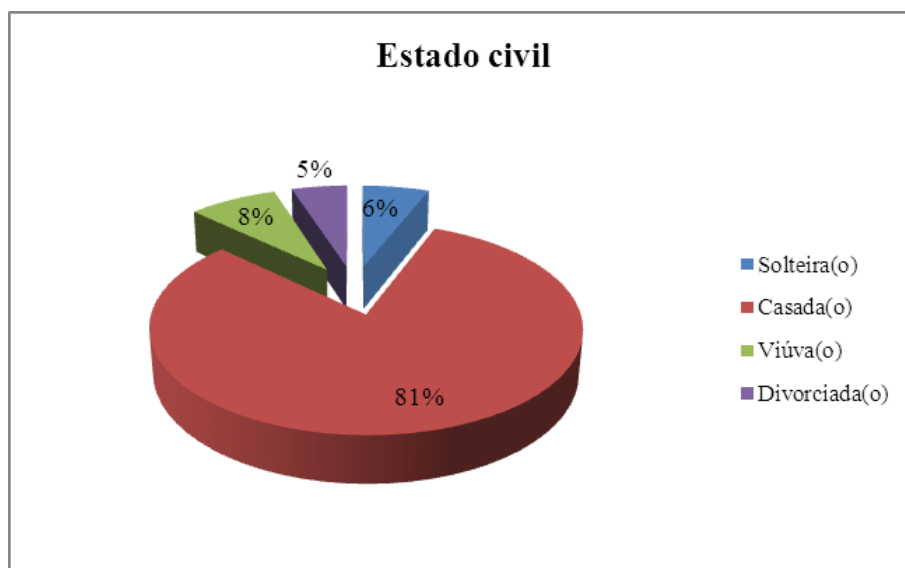


Figura 15 - Estado civil dos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar

O número de elementos do agregado familiar dos inquiridos varia entre os 3 e os 49 elementos. Há 28% de agregados que possuem entre 11 e 15 elementos e 27% que possuem entre 6 e 10 e representam a maioria (figura 16).

Relativamente à escolaridade dos inquiridos, verificou-se que 33% não possui qualquer formação. Dos que têm formação, 53% possui formação básica¹¹ e 13% formação profissional. A figura 17 ilustra a distribuição da escolaridade dos inquiridos.

¹¹ O Ensino básico unificado constitui-se pelo 1.º e 2.º ciclo e vai até ao 6.º ano de escolaridade.

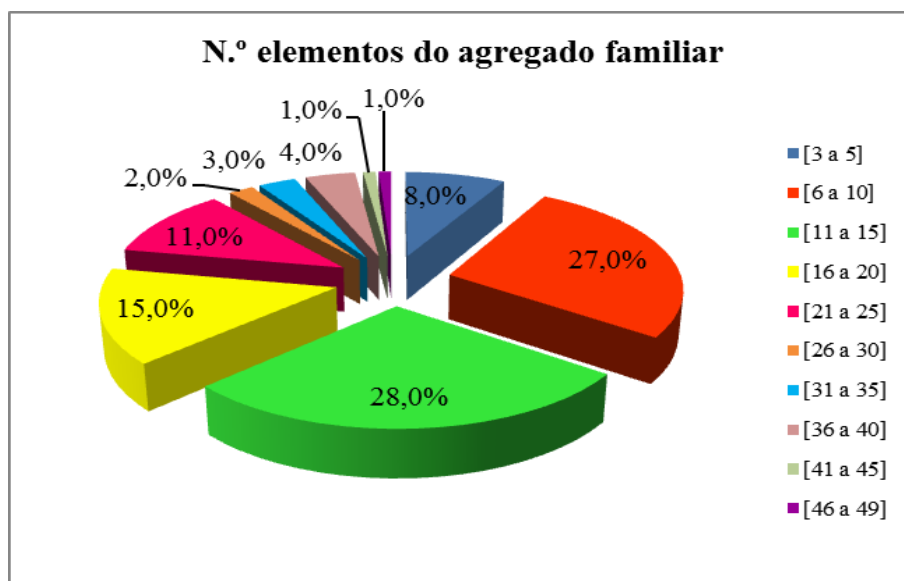


Figura 16 - Número de elementos do agregado familiar dos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar

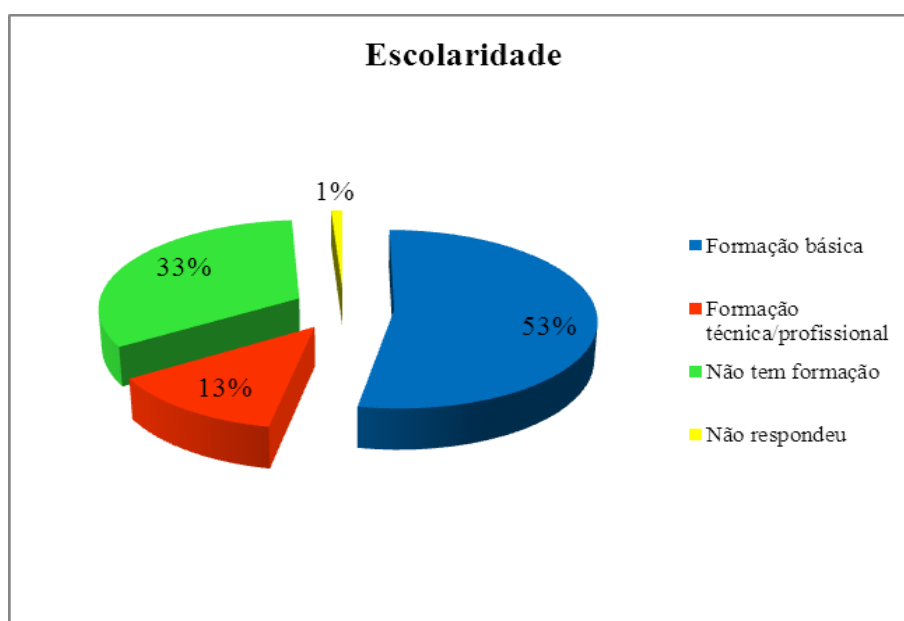


Figura 17 - Escolaridade dos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar

Sobre a questão se as crianças em idade escolar do agregado familiar frequentam a escola (figura 18), 53% dos inquiridos respondeu que *sim*, 37% respondeu que *uns sim outros não*, 8% que *não* (nunca frequentaram) e 2% que *não* porque abandonaram. Os motivos de abandono apresentados foram: custos (48,7%), distância e custos (17,9%), desistência (12,8%), distância (7,7%), gravidez (5,1%), doença (2,6%), doença e trabalho (2,6%) e trabalho doméstico (2,6%). A sua distribuição apresenta-se na figura 19.

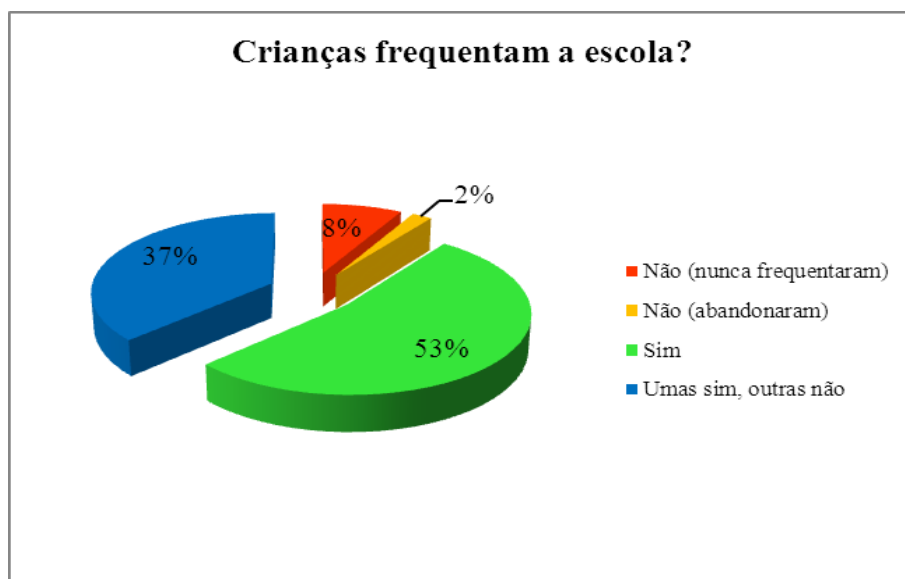


Figura 18 - Frequência à escola das crianças em idade escolar do agregado familiar dos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar

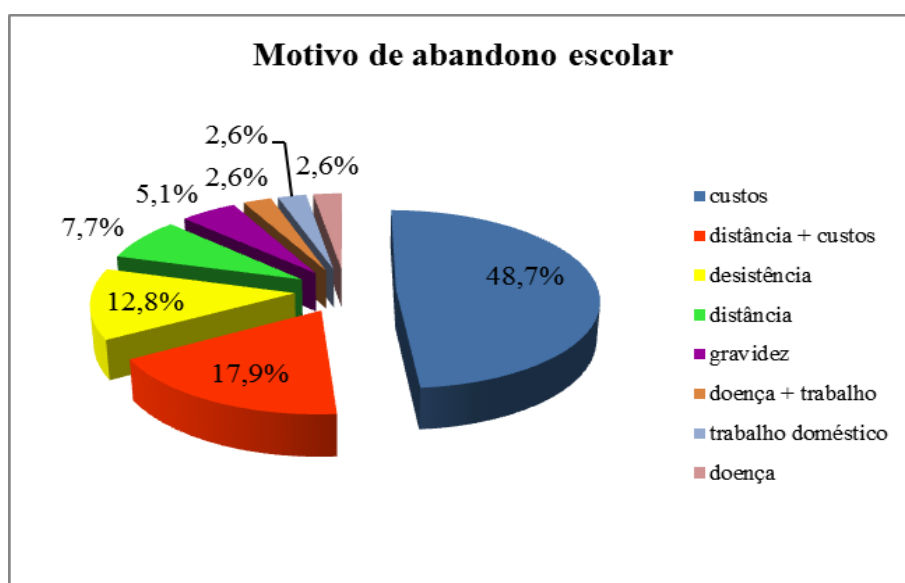


Figura 19 - Motivo de abandono escolar das crianças em idade escolar do agregado familiar dos inquiridos para o estudo sobre segurança alimenta

Sobre a situação laboral dos inquiridos, verificou-se que 84% trabalha no campo, 11% tem um emprego e 5% está desempregado. Questionados sobre quantos elementos do agregado familiar têm salário, 68% respondeu *zero*, 23% respondeu *um*, 8% respondeu *dois* e 1% não respondeu. As figuras 20 e 21 dizem respeito, respetivamente, à situação laboral dos inquiridos e ao número de pessoas assalariadas no agregado familiar.

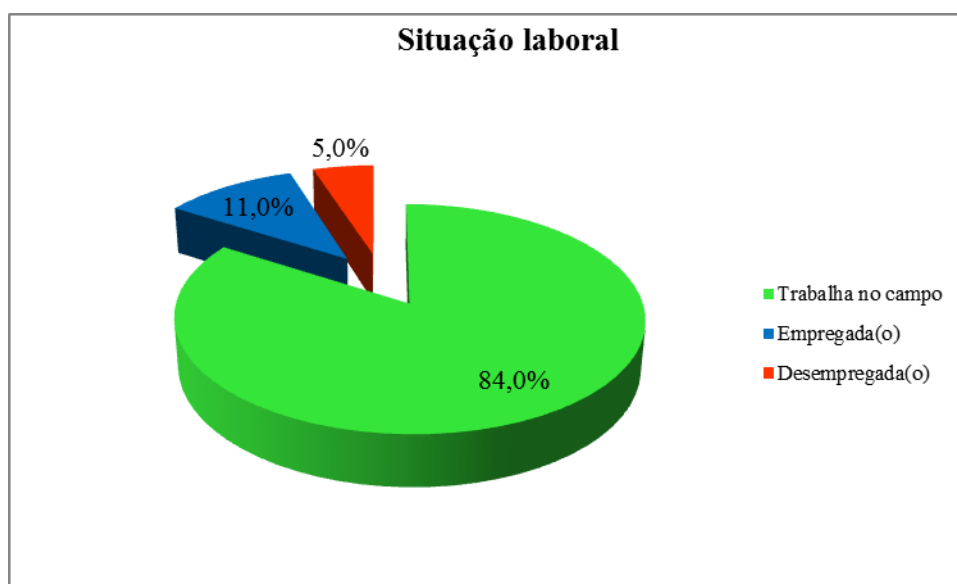


Figura 20 - Situação laboral dos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar

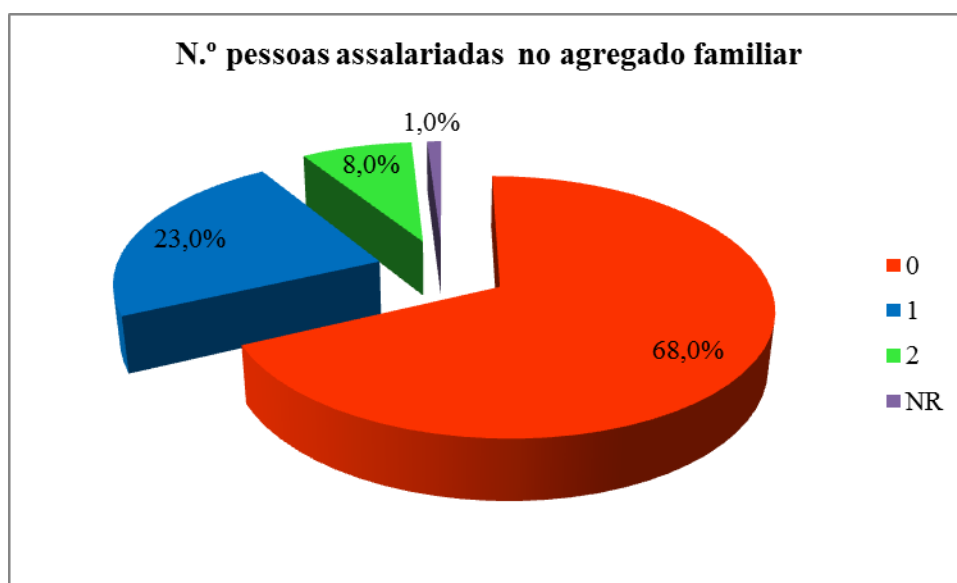


Figura 21 - N.º de pessoas assalariadas no agregado familiar dos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar

Quando questionados sobre a distribuição do orçamento familiar, verifica-se que a maior parte se destina à alimentação e, depois, às roupas, à saúde e à educação. Por último, aos materiais de trabalho, às sementes e aos fertilizantes e pesticidas. Calculou-se uma média mensal para cada um, que se apresenta na tabela 5. Nas figuras 22, 23, 24 e 25 apresenta-se a sistematização das respostas dos inquiridos, pelas áreas mais representativas no orçamento (alimentação, roupas, saúde e educação).

Pela análise da tabela 5 e da figura 22, pode aferir-se que os gastos em alimentação mensais são em média de 12.933 FCFA (4.311 FCFA diários), variando entre 750 e 495.000 FCFA¹² (25 a 16.500 diários). A maioria dos inquiridos (32%) referiu que, por dia, gasta entre 2.025 e 3.000 FCFA, seguidos dos que gastam entre 3.025 e 4.000 FCFA (14%) e dos que gastam entre 4.025 e 5.000 FCFA (12%) – valores que se aproximam da média estimada.

Segundo a mesma tabela, os gastos mensais com roupa são, em média, 16.600 FCFA. Não obstante, a maioria (28%) não gasta, habitualmente, nenhuma parte do seu orçamento em roupa (figura 23), seguindo-se os que gastam entre 250 e 5.000 FCFA (23%) e entre 15.025 e 20.000 FCFA (14%). Portanto, cerca de metade dos inquiridos tem gastos mensais em roupa inferiores à média estimada.

Tabela 5 - Distribuição do orçamento familiar dos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar

	Média mensal (FCFA)	Média mensal (€)
Alimentação	129.333	197,46
Roupa	16.600	25,34
Saúde	13.388	20,44
Educação	8.152	12,45
Materiais de trabalho	634	0,97
Sementes	429	0,66
Fertilizantes e pesticidas	272	0,41
Relação percentual entre gastos com alimentação e gastos totais		76,6%
1 Euro (E) ≈ 655 Francos da Comunidade Financeira Africana (FCFA)		

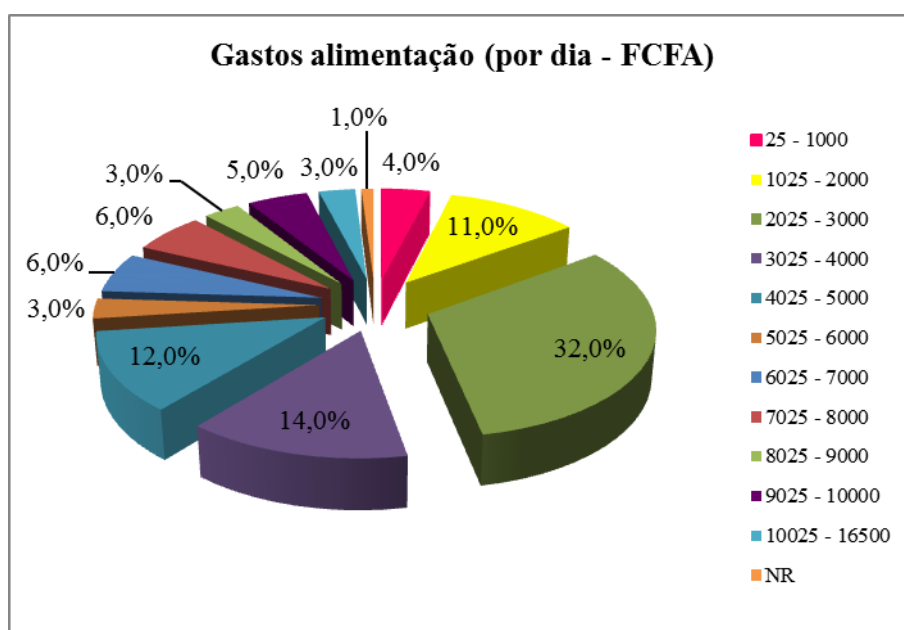


Figura 22 - Gastos diários em alimentação no agregado dos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar

¹² Para aferir o valor mensal, consideraram-se 30 dias por mês

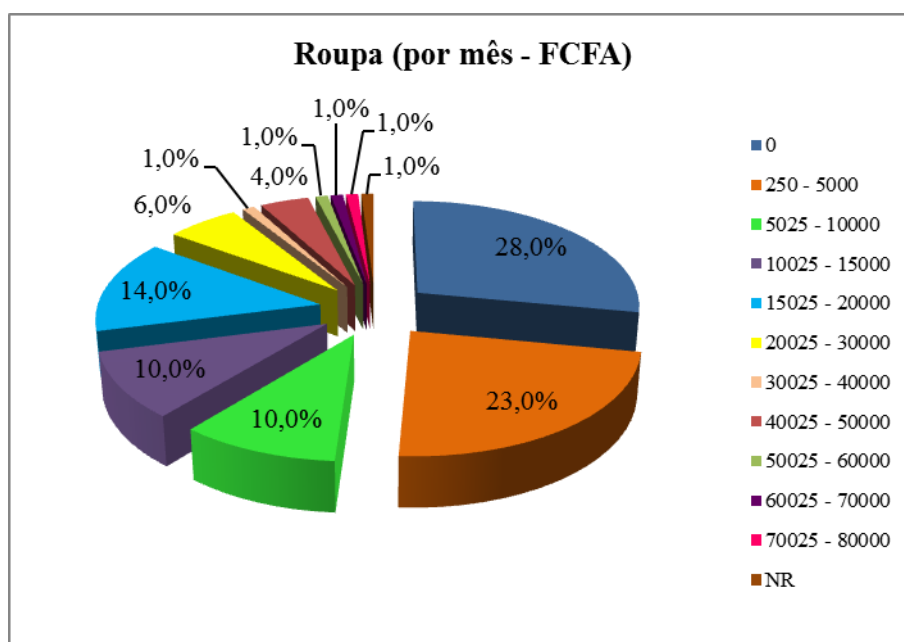


Figura 23 - Gastos mensais em roupa no agregado dos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar

Ainda de acordo com a tabela 5, verifica-se que os gastos médios mensais com saúde se situam nos 13.388 FCFA. Também, no caso da saúde há vários agregados familiares (29%) que não possuem quaisquer gastos mensais nesta área. Por sua vez, a maior parte (32%) gasta entre 250 e 5.000 FCFA, seguida dos que gastam entre 5.025 e 10.000 FCFA (figura 24). Verifica-se portanto, que a maior parte gasta um valor inferior à média dos inquiridos.

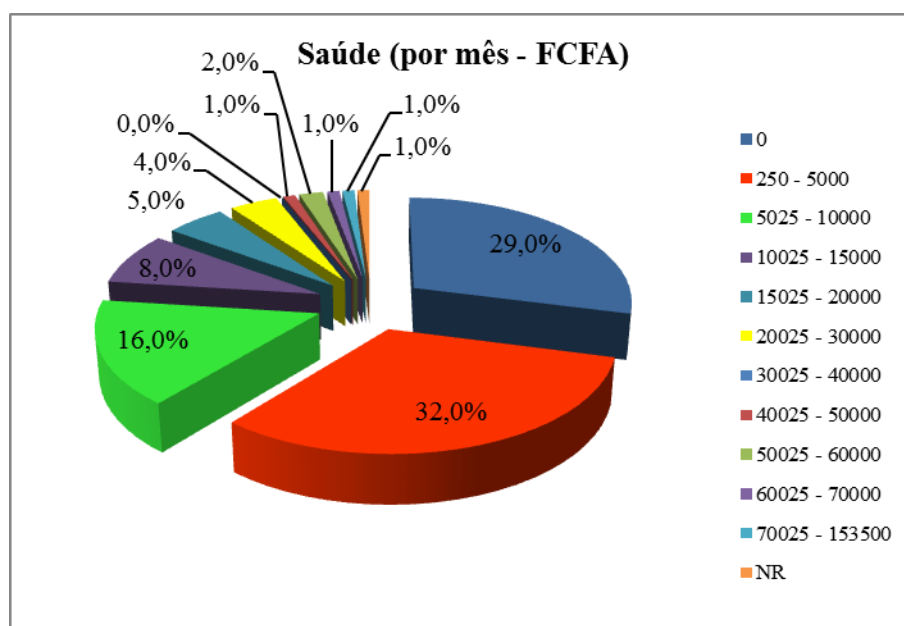


Figura 24 - Gastos mensais em saúde no agregado dos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar

No que diz respeito à educação, aferiu-se que o valor mensal gasto é de 8.152 FCFA (tabela 5) e que há agregados familiar que não têm gastos e outros atingem os 45.000 FCFA (figura 25). A maioria dos inquiridos (27%) indicou valores entre 2.250 e os 5.000 FCFA, seguindo-se dos que indicaram gastos entre 1.250 e 2.000 FCFA ou entre 5.250 e 10.000 FCFA.

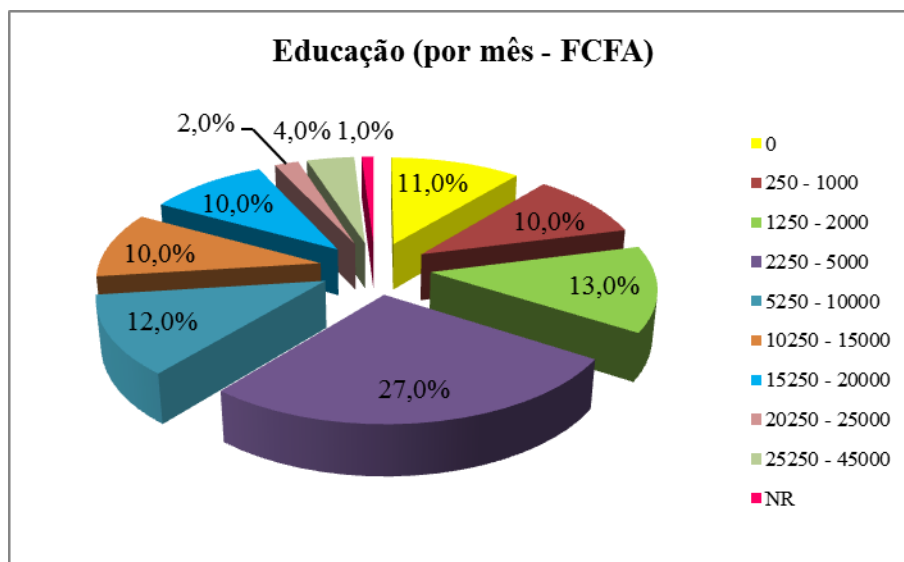


Figura 25 - Gastos mensais em educação no agregado dos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar

Quando questionados sobre se os rendimentos do agregado familiar são suficientes, 32% dos inquiridos respondeu que *sim*, 66% respondeu *não* e 2% não respondeu (figura 26). Por outro lado, relativamente à capacidade de poupança, 27% indicou que tem, 72% indicou que não tem e 1% não respondeu (figura 27).

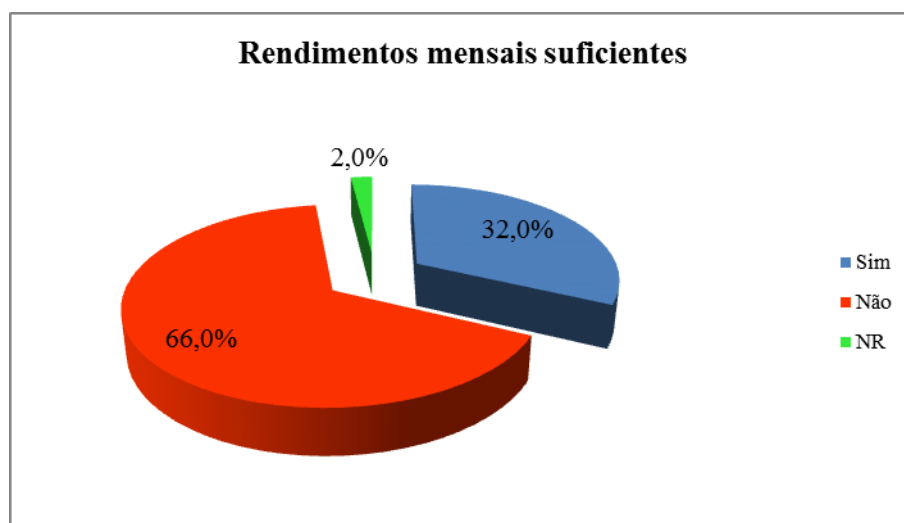


Figura 26 - Rendimentos mensais no agregado dos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar

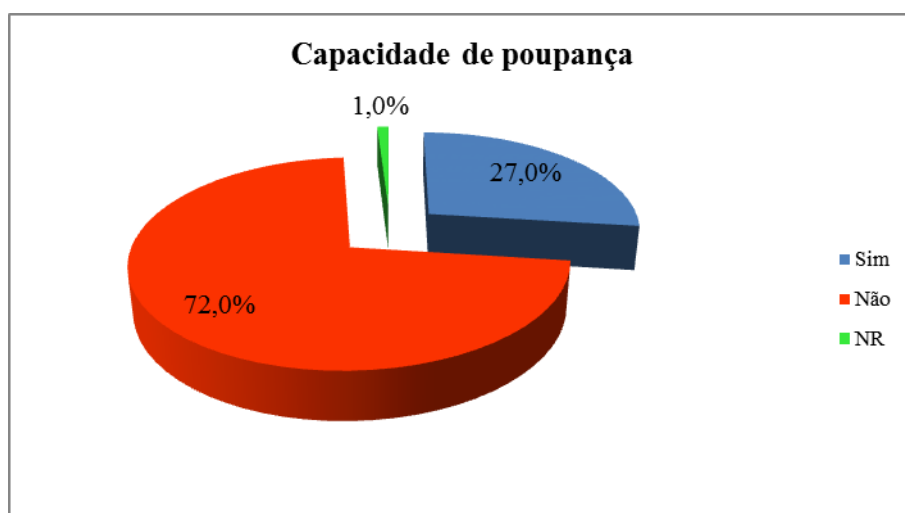


Figura 27 - Capacidade de poupança no agregado dos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar

Relativamente aos hábitos alimentares, mais especificamente, ao número de refeições diárias, verificou-se que 48% dos agregados familiares faz apenas 1 refeição, por dia, e fá-la em casa (figura 28). Há 40% dos agregados familiares que faz duas refeições diárias, das quais 39% são feitas em casa e 1% fora. Apenas 12% dos inquiridos faz 3 refeições diárias, das quais 11% em casa e 1% fora de casa.

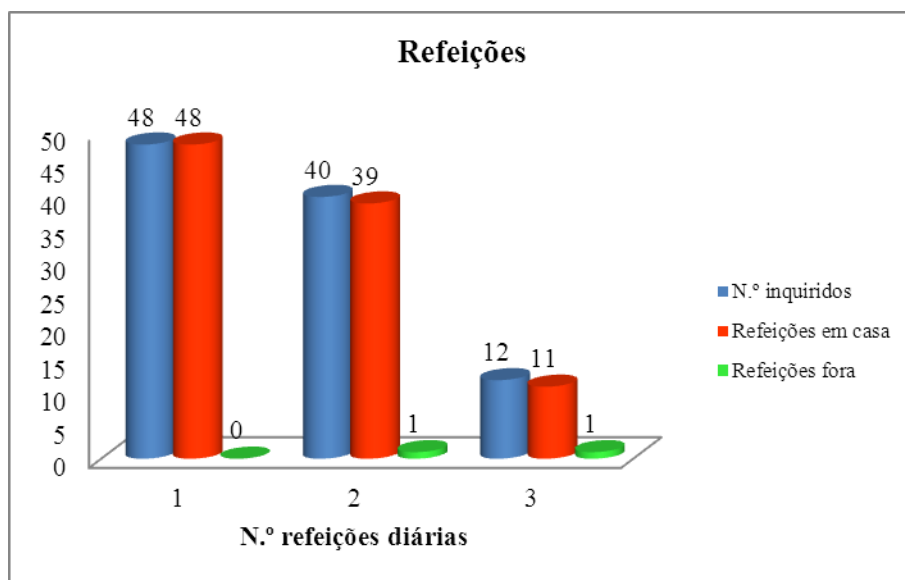


Figura 28 - N.º de refeições diárias, n.º de refeições feitas em casa e n.º de refeições fora de casa no agregado dos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar

Sobre a questão se já tinha produção agrícola antes do projeto da FED e de ter participado em formação, 71% respondeu *sim* e 29% respondeu *não*. Sobre a mesma questão mas após ter participado em formação 100% dos inquiridos respondeu *sim*.

Sobre o número de culturas que produziam antes de terem participado em formação, 63% respondeu que produzia mais que 3 culturas, 18% produzia 3 produtos e 10% produzia 2 culturas e 9% produzia apenas 1 cultura (figura 29). Após participarem em formação, 88% produz mais que 3 produtos, 11% produz 3 produtos e 1% apenas 2 produtos (figura 30).

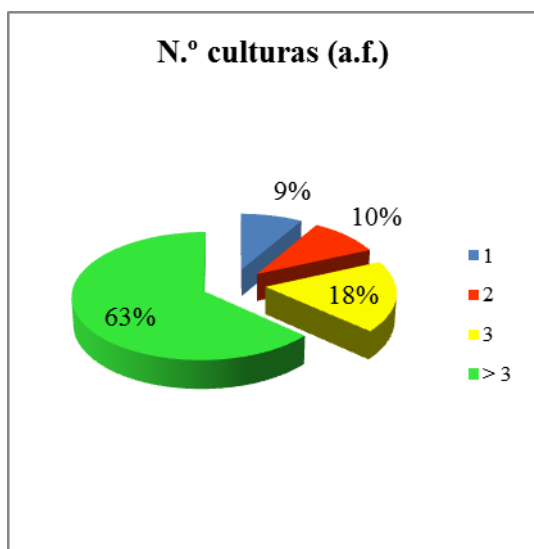


Figura 29 - N.º culturas produzidas (antes da formação na FED) pelos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar

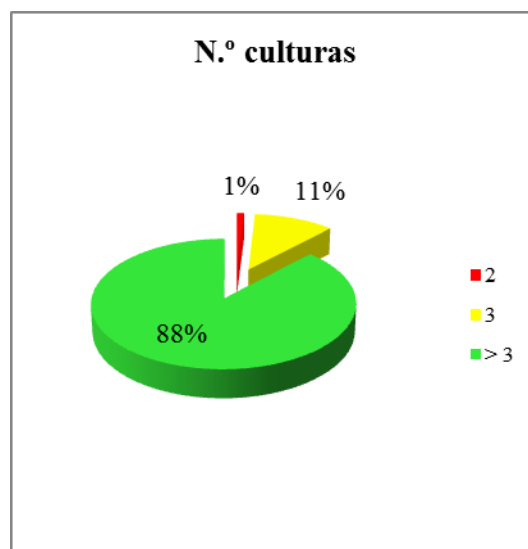


Figura 30 - N.º culturas produzidas (depois da formação na FED) pelos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar

Em relação à área de produção, e antes do projeto da FED, verificou-se que 90% dos inquiridos não tinha conhecimento sobre o seu valor (figura 31). Após participar em formação, esse valor diminuiu para 82%. Verificou-se, também que, atualmente, 7% dos inquiridos produz as suas culturas numa área inferior a 1000 m², outros 7% numa área entre 2.001 e 10.000 m², 2% numa área entre 1.001 e 2.000 m² e outros 2% entre 1.0001 e 30.000 m² (figura 32). Antes de participarem em formações produziam-se 28 culturas entre todos os inquiridos (tabela 6), sendo o arroz, a candja, o caju, o djagatu, a malagueta e o baguitchi as mais importantes. Atualmente, são 32 as culturas que são produzidas e que estão enumeradas na tabela 7. O arroz é a que é produzida em maior número, seguido de candja, tomate, pimento, baguitch, djagatu e caju.

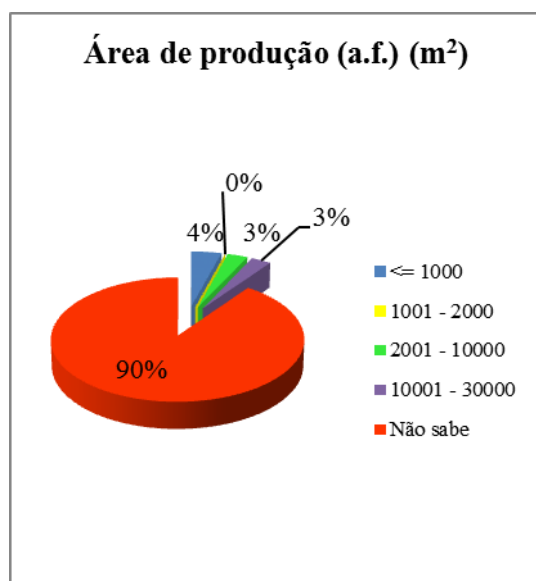


Figura 31 - Área de produção (antes da formação da FED) dos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar

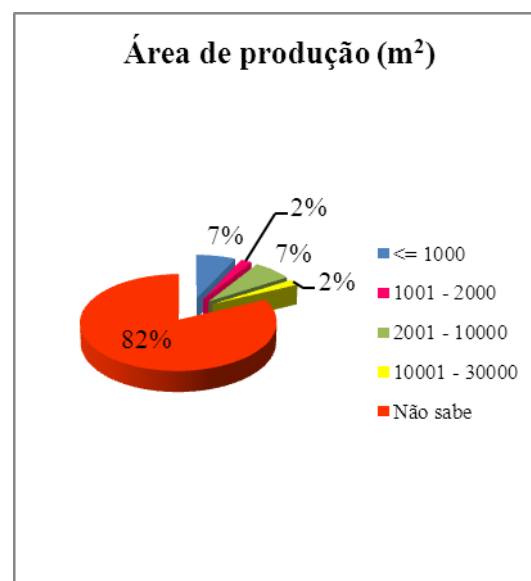


Figura 32 - Área de produção (depois da formação na FED) dos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar

Tabela 6 - Tipo de culturas produzidas pelos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar antes de formação, e destino das mesmas

Culturas	N	Destino dos produtos			Culturas	N	Destino dos produtos		
		C	V	CV			C	V	CV
Arroz	52	39		13	Mafafa ¹³	6	1	-	5
Candja ¹⁴	36	1	9	26	Tifa ¹⁵	6	2	-	4
Caju	27	2	8	17	Cebola	5	-	1	4
Djagatu ¹⁶	25	1	7	17	Milho	5	3	-	2
Malagueta	23	-	4	19	Alface	4	-	1	3
Baguitchi ¹⁷	22	1	4	17	Repolho	3	-	1	2
Mandioca	19	6	-	13	Cenoura	2	-	-	2
Beringela	12	-	1	11	Fundo ¹⁸	2	1	1	0
Feijão	12	3	-	9	Manga	2	-	1	1
Tomate	12	-	2	10	Pepino	2	-	-	2
Sukulbebem ¹⁹	11	1	-	10	Abóbora	1	-	-	1
Mancarra (amendoim)	10	-	1	9	Banana	1		1	0
Pimento	10	-	2	8	Batata (doce)	1	0	0	1
Inhame	7	1	-	6	Salsa	1	-	-	1

N – n.º de inquiridos

C – consumo

V – venda

CV – consumo e venda

¹³ Mafafa - *Colocasia esculentai*

¹⁴ Candja (quiabo) - *Hibiscus esculentus* L.

¹⁵ Tifa - tubérculo típico na Guiné-Bissau

¹⁶ Djagatu - *Solanum* sp.

¹⁷ Baguitch - *Hibiscus sabdariffa* L.

¹⁸ Fundo – *Digitaria* spp.

¹⁹ Semelhante a malagueta (mas de maior dimensão)

Tabela 7 - Tipo de culturas produzidas pelos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar e destino das mesmas

Culturas	N	Destino dos produtos			Culturas	N	Destino dos produtos		
		C	V	CV			C	V	CV
Arroz	77	43	4	30	Inhame	18	1	-	17
Candja	63	2	15	46	Cenoura	14	-	2	12
Tomate	62	6	10	46	Milho	11	3	1	7
Pimento	52	2	12	38	Mafafa	9	-	1	8
Baguitch	44	2	10	32	Pepino	8	0	1	7
Djagatu	44	-	11	33	Salsa	7	-	-	7
Caju	43	2	8	33	Limão	6	2	1	3
Malagueta	37	2	7	28	Manga	6	1	1	4
Alface	36	1	7	28	Tifa	6	-	-	6
Mandioca	33	4	4	25	Batata (doce)	4	1	-	3
Beringela	30	-	4	26	Couve	4	-	1	3
Feijão	29	5	2	22	Abóbora	3	-	-	3
Repolho	29	1	7	21	Banana	3	1	1	1
Sukulbebem	28	-	7	21	Cana-de-açúcar	1	-	-	1
Mancarra (amendoim)	21	1	1	19	Cebolinho	1	-	-	1
Cebola	19	-	2	17	Papaia	1	1	-	0

N – n.º de inquiridos

C – consumo

V – venda

CV – consumo e venda

Comparando as duas tabelas, verifica-se que se introduziram algumas culturas: cana-de-açúcar, cenoura, couve, limão e papaia. Quer antes de participar em formação quer após, verifica-se que todas as culturas, à exceção do arroz, são, essencialmente, para venda ou para consumo e venda. Poucos foram os inquiridos que referiram *consumo* como destino das culturas. Tomando, por exemplo, o caso da candja, apenas 2% referiram que o seu destino é para consumo, 15% referiram ser para venda e 46% para consumo e venda.

Na tabela 8 ilustra-se a origem das sementes para as culturas. 11% dos inquiridos respondeu que têm origem em produção própria, 17% respondeu que parte é produção própria e outra parte não e 72% respondeu que não tem origem em produção própria. Aquela que não tem origem na produção própria divide-se entre *comprada*, *doadada* e *doadada e comprada*.

Tabela 8 - Origem das sementes das culturas para o estudo sobre segurança alimentar

Produção própria	N.º produtores	Comprada	Doadada	Doadada e comprada
Sim	11	-	-	-
Não	72	10	27	35
Uma sim, outra não	17	4	5	8

Relativamente aos materiais de trabalho, a tabela 9 mostra-nos que têm diversas origens. Alguns são comprados (19%), outros são doados (27%), outros são doados e comprados (41%), outros são doados e emprestados (3%), outros doados, comprados e emprestados e, ainda, outros são emprestados (1%).

Tabela 9 - Origem dos materiais de trabalho dos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar

Comprado	Doado	Doado e comprado	Doado e emprestado	Doado, comprado e emprestado	Emprestado	NR
19	27	41	3	8	1	1

Sobre a utilização de fertilizantes e pesticidas não naturais, 83% referiu que utiliza, tendo origem em compra (21%), em doação (38%) ou parte em doação e parte em compra (24%). Por oposição, 17% referiu que não utiliza fertilizantes e pesticidas.

Tabela 10 - Utilização e origem dos fertilizantes pelos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar

Fertilizantes e pesticidas	N.º produtores	Comprados	Doados	Doados e comprados
Sim	83	21	38	24
Não	17	-	-	-

A produção pecuária faz parte das atividades de 85% dos inquiridos. O animal que é produzido pela maioria é o porco (72%), seguido de galinhas (62%) e cabras (47%). De acordo com a tabela 11 são produzidos, também, patos (14%), vacas (14%) e carneiros.

As galinhas são os animais que existem em maior número (os produtores possuem de 1 a 60), seguido dos porcos (os produtores possuem de 1 a 31) e das vacas (os produtores possuem de 1 a 21).

Neste caso, a produção pecuária destina-se quase na totalidade a *venda*. Apenas 4% referiu que as galinhas se destinam exclusivamente a *consumo* e 1% os patos.

Tabela 11 - Animais produzidos, n.º de animais por produtor e destino dos animais dos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar

	N.º produtores	N.º animais por produtor	Consumo	Venda	Consumo e venda	NR
Porcos	74	1 a 31	0	63	10	1
Galinhas	62	1 a 60	4	43	14	1
Cabras	47	1 a 12	0	42	5	-
Patos	14	1 a 16	1	11	1	1
Vacas	14	1 a 21	0	13	1	-
Carneiros	9	1 a 3	0	8	1	-

Sobre os hábitos alimentares, verificou-se que 100% dos inquiridos consome arroz todos os dias a todas as refeições (tabela 12). Do arroz consumido, 18% provém de produção própria, 16% provém de compra e 66% de produção e compra. Verifica-se, portanto, que têm necessidade de comprar grande parte do arroz.

Tabela 12 – Consumo e origem do arroz por parte dos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar

	N.º dias por semana	%	Produção própria (%)	Compra (%)	Produção + compra (%)
Arroz	7	100	18	16	66

No que concerne ao milho, verificou-se que é pouco consumido. De acordo com a tabela 13, 87% dos inquiridos não consome milho e apenas 2% consome milho todos os dias e que provém de produção própria.

Tabela 13 - Consumo e origem do milho por parte dos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar

	N.º dias por semana	%	Produção própria (%)	Compra (%)	Produção + compra (%)
Milho	0	87	-	-	-
	1	4	3	1	-
	2	2	2	-	-
	3	3	3	-	-
	4	1	-	-	1
	5	1	1	-	-
	7	2	2	-	-

O peixe é consumido sob três formas: fresco, fumado ou seco. No entanto, é consumido fresco com maior frequência. De acordo com a tabela 14, 34% dos inquiridos come peixe fresco todos os dias, 4% come peixe fumado todos os dias e 6% come peixe seco todos os dias. A maioria do peixe consumido é comprado ou é produzido e comprado (pescado e comprado).

A maior parte dos inquiridos não consome carne (66%). Os 34% que consomem carne, consomem cabra, caça, galinha, pato, porco e vaca e fazem-no poucos dias por semana. Segundo a tabela 15, no máximo, consomem 3 dias por semana, e apenas no caso de galinha.

No caso dos ovos (tabela 16), são consumidos por 20% dos inquiridos, na maior parte dos casos, apenas 1 ou 2 dias por semana (9% e 4%, respetivamente) e são, essencialmente, comprados.

Tabela 14 - Consumo e origem do peixe por parte dos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar

		N.º dias p/ semana	%	Produção própria (%)	Compra (%)	Produção + compra (%)
Peixe	Fresco	1	6	-	5	1
		2	17	1	13	3
		3	13	1	7	5
		4	12	-	10	2
		5	11	1	9	1
		6	7	1	5	1
		7	34	5	14	15
	Fumado	1	21	1	16	4
		2	23	-	15	8
		3	10	-	7	3
		4	5	1	2	2
		5	5	-	1	1
		6	1	-	1	-
		7	4	-	3	1
	Seco	1	24	-	6	18
		2	22	1	17	4
		3	12	2	7	3
		4	10	1	5	4
		5	2	-	1	1
		6	0	-	-	-
		7	6	-	4	2

Tabela 15 - Consumo e origem de carne por parte dos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar

		N.º dias por semana	%	Produção própria (%)	Compra (%)	Produção + compra (%)
Carne	Cabra	1	1	-	-	1
	Caça	1	2	-	-	2
	Galinha	1	15	11	3	1
		2	8	8	-	-
		3	1	1	-	-
	Pato	1	3	3	-	-
		2	1	-	1	-
	Porco	1	2	1	1	-
	Vaca	1	-	-	1	-

Tabela 16 - Consumo e origem de ovos por parte dos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar

		N.º dias por semana	%	Produção própria (%)	Compra (%)	Produção + compra (%)
Ovos		1	9	2	6	1
		2	4	1	3	-
		3	3	-	3	-
		6	1	-	-	1
		7	3	-	3	-

De acordo com a tabela 17, o pão é consumido por 55% dos inquiridos, dos quais 30% o consome diariamente. Todos compram o pão que consomem.

Tabela 17 - Consumo e origem do pão por parte dos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar

	N.º dias por semana	%	Produção própria (%)	Compra (%)	Produção + compra (%)
Pão	1	9	-	9	-
	2	8	-	8	-
	4	6	-	6	-
	5	2	-	2	-
	7	30	-	30	-

São 3 as leguminosas que são consumidas por 38% dos inquiridos: ervilha, feijão e grão-de-bico. No entanto, e de acordo com a tabela 18, apenas o feijão é consumido em maior quantidade e é produzido (em parte) pelos inquiridos.

Tabela 18 - Consumo e origem de leguminosas por parte dos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar

		N.º dias por semana	%	Produção própria (%)	Compra (%)	Produção + compra (%)
Leguminosas	Ervilha	1	1	-	1	-
	Feijão	1	12	4	8	-
		2	22	14	6	2
	Grão-de-bico	1	2	-	2	-
		2	1	-	-	1

Verificou-se que no que diz respeito a raízes e tubérculos se consome: batata doce (26%), cenoura (22%), inhame (28%), mafafa (14%), mandioca (60%), tifa (14%), nabo (1%). Estes produtos são consumidos apenas alguns dias da semana e na tabela 19 pode verificar-se que, à exceção da mandioca, grande parte dos produtos consumidos são comprados.

Pela análise da tabela 20, verifica-se que são 9 os produtos hortícolas que são consumidos. A abóbora é consumida por 22% dos inquiridos, a alface por 50%, a cebola por 98%, a couve por 19%, o pepino por 12%, o pimento por 87%, o repolho por 47%, a salsa por 16% e o tomate por 99%. A abóbora, a alface, a cebola, o pimento e o tomate foram mencionados como produtos consumidos diariamente. Também, neste caso, os produtos que são consumidos provêm, em maior parte, de compra.

Tabela 19 - Consumo e origem de raízes e tubérculos por parte dos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar

		N.º dias por semana	%	Produção própria (%)	Compra (%)	Produção + compra (%)
Raízes e tubérculos	Batata (doce)	1	14	1	11	2
		2	4	1	2	1
		3	6	1	5	-
		4	2	-	2	-
	Cenoura	1	17	2	13	2
		2	3	0	2	1
		4	2	1	1	-
	Inhame	1	14	5	8	1
		2	8	5	3	-
		3	4	3	0	1
		4	2	1	-	1
	Mafafa	1	8	3	4	1
		2	4	3	1	-
		3	2	1	1	-
	Mandioca	1	19	6	11	2
		2	16	9	3	-
		3	16	11	4	1
		4	9	7	2	-
	Tifa	1	6	1	5	-
		2	5	3	2	-
		3	2	1	1	-
		4	1	1	-	-
	Nabo	2	1	-	1	-

Tabela 20 - Consumo e origem de hortícolas por parte dos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar

		N.º dias por semana	%	Produção própria (%)	Compra (%)	Produção + compra (%)
Hortícolas	Abóbora	1	15	4	11	-
		2	2	2	-	-
		3	2	-	1	1
		4	1	1	-	-
		7	2	1	1	-
	Alface	1	21	5	11	5
		2	13	4	5	4
		3	8	3	4	1
		4	4	2	2	-
		5	1	-	-	1
		7	3	-	3	-
	Cebola	1	1	-	-	1
		2	5	-	4	1
		5	2	-	2	-
		6	1	-	1	-
		7	89	3	69	17
	Couve	1	15	2	12	1
		2	2	1	1	-

		3	2	-	2	-
		1	7	1	6	-
	Pepino	2	3	1	1	1
		3	1	1	-	-
		4	1	1	-	-
		1	4	1	2	1
		2	10	-	10	-
	Pimento	3	6	-	4	2
		4	2	-	1	1
		5	4	-	2	2
		6	3	1	-	2
		7	58	7	23	28
		1	27	4	17	6
		2	12	4	6	2
	Repolho	3	3	1	1	1
		4	3	3	-	-
		5	1	-	-	1
		7	1	-	1	-
		1	11	-	10	1
	Salsa	2	2	-	2	-
		3	2	1	1	-
		7	1	-	1	-
		1		-	-	1
		2	2	-	2	-
	Tomate	3	1	-	-	1
		5	1	-	1	-
		6	1	-	-	1
		7	93	5	39	49

Por sua vez, o leite, e de acordo com a tabela 21, é um alimento muito pouco consumido pelos inquiridos. Apenas um total de 6% consome leite uma, duas ou três vezes na semana e todo ele comprado.

Tabela 21 - Consumo e origem de leite por parte dos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar

	N.º dias por semana	%	Produção própria (%)	Compra (%)	Produção + compra (%)
Leite	1	1	-	1	-
	2	2	-	2	-
	7	3	-	3	-

O azeite, a manteiga, a margarina, o óleo alimentar e o óleo de palma são gorduras que são consumidas pelos inquiridos. Analisando-se a tabela 22, verifica-se que o óleo alimentar é o mais consumido (97%), seguido do óleo de palma (85%) e da margarina (33%). Por oposição, o azeite (16%) e a manteiga (6%) são os menos consumidos. Todos são adquiridos por compra.

Tabela 22 - Consumo e origem de gorduras por parte dos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar

		N.º dias por semana	%	Produção própria (%)	Compra (%)	Produção + compra (%)
Gorduras	Azeite	1	3		3	
		2	8		8	
		3	2		2	
		6	1		1	
		7	2		2	
	Manteiga	1	2		2	
		2	3		3	
		3	1		1	
	Margarina	1	10		10	
		2	10		10	
		3	3		3	
		4	1		1	
		7	9		9	
	Óleo alimentar	1	2		2	
		3	7		7	
		4	14		14	
		5	23		23	
		6	18		18	
		7	33		33	
	Óleo de palma	1	26		26	
		2	28		28	
		3	15		15	
		4	6		6	
		5	2		2	
		7	8		8	

No que concerne ao açúcar (tabela 23), é consumido por 65% dos inquiridos, 22% dos quais o fazem diariamente.

Tabela 23 - Consumo e origem de açúcar por parte dos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar

	N.º dias p/ semana	%	Produção própria (%)	Compra (%)	Produção + compra (%)
Açúcar	1	8	-	8	-
	2	13	-	13	-
	3	7	-	7	-
	4	12	-	12	-
	5	2	-	2	-
	6	1	-	1	-
	7	22	-	22	-

Houve outros alimentos que foram mencionados como fazendo parte dos que se consomem pelo agregado familiar dos inquiridos, e que não estavam considerados no questionário. Estão mencionados na tabela 24.

Tabela 24 – Outros alimentos consumidos pelos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar

	N.º dias p/ semana	%	Produção própria (%)	Compra (%)	Produção + compra (%)
Alfarroba	3	1	1		
	7	1	1		
Baguitchi	2	2	2		
	3	1	1		
	7	1	1		
Banana	4	1		1	
	5	1		1	
Beringela	3	2	2		
Cabaceira	2	1	1		
Candja	1	1			
	3	2	1	1	
	7	2	2		
Djagatu	2	1	1		
Folhas	1	1	1		
	3	1	1		
Limão	7	1		1	
Mancarra	2	1	1		
	3	1	1		

A quase totalidade dos inquiridos (99%) referiu que vende excedentes no mercado. Na figura seguinte (figura 33) pode observar-se a distribuição dos locais de venda. O mercado é o local eleito por 80% dos inquiridos. Outros vendem quer porta-a-porta quer no mercado (9%), outros quer em casa quer no mercado (7%), 3% vendem em casa, porta-a-porta e no mercado e 1% no mercado e na mercearia.

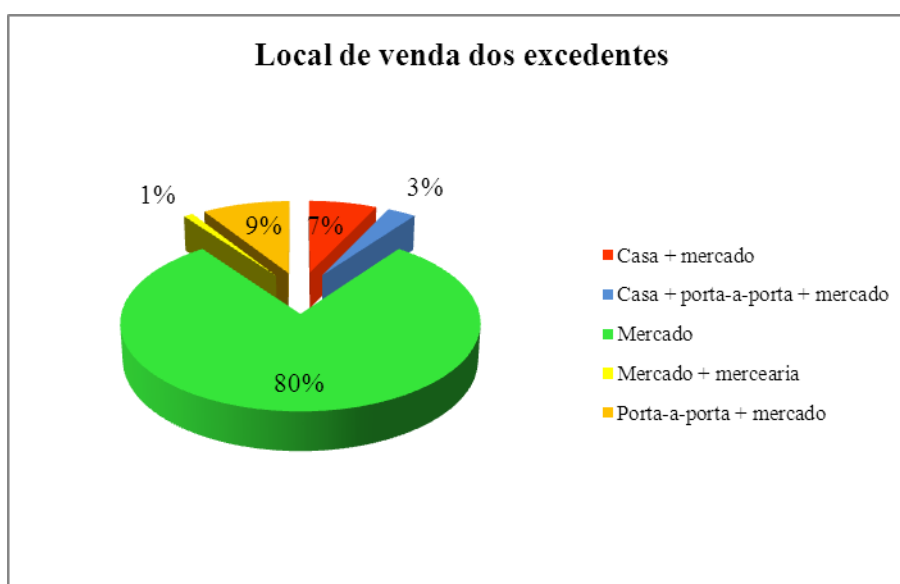


Figura 33 - Local de venda dos excedentes dos inquiridos para o estudo sobre segurança

Sobre as motivações que conduziram a que os inquiridos participassem em formação, 10% não respondeu. Os restantes 90% elencaram vários motivos, sendo os principais aumentar conhecimentos (35%), melhorar a capacidade técnica (23%) e melhorar a produção (19%).

Tabela 25 – Motivações para participar em formação dos inquiridos para o estudo sobre segurança alimentar

Motivações para participar em formação	% inquiridos
Aumentar conhecimentos	35
Melhorar capacidade técnica	23
Melhorar a produção	19
Possibilidade melhorar condição económica	3
Ajudar a família	2
Aprender horticultura	1
Aprender horticultura e apoiar a família	1
Aumentar conhecimentos + ajudar-se e ajudar outros	1
Aumentar conhecimentos + melhorar capacidade técnica	1
Melhorar capacidade técnica + possibilidade melhorar condição económica	1
Modificar o seu trabalho	1
Por gosto	1
Receber sementes+ materiais de trabalho	1
NR	10

Sobre as mudanças indentificadas pelos inquiridos desde que participaram em formação promovida pela FED, cada um mencionou várias. A tabela 26 lista todas as que foram referidas. A *forma de fazer canteiros*, a *condução de culturas*, o *tratamento de pragas*, a *adubação*, a *rega* e *técnicas de venda* foram as mais repetidas.

Tabela 26 - Mudanças indentificadas pelos inquiridos, para o estudo sobre segurança alimentar, desde que participaram em formação promovida pela FED

Mudanças identificadas	N	Mudanças identificadas	N
Forma de fazer canteiros	72	Maior rendimento	1
Condução das culturas	51	Mais experiência	1
Tratamento de pragas	34	Materiais de trabalho que não tinha	1
Adubação	14	Melhor gestão das culturas	1
Rega	10	Novas culturas	1
Técnicas de venda	10	Preparação de covas para transplante	1
Gestão de stocks	2	Respeitar regras de transplante e outras regras	1
Viveiro	2	Técnicas de transplante	1
Aumento de produção	1	NR	4
Lançamento de sementes em linha	1		

N – n.º de inquiridos

5.3 Página de *Internet* da FED

A página da FED pode ser consultada na seguinte morada: <http://fedgb.yolasite.com/>. Está dividida em 7 menus principais: *Quem somos*, *Projectos*, *Centro de Recursos*, *Parceiros*, *Como apoiar*, *Notícias* e *Contacte-nos*. No menu *Quem somos* encontra-se informação sobre a FED, o seu logótipo e algumas imagens do trabalho desenvolvido. Este menu subdivide-se em 3 submenus: *Estatutos* (onde se podem consultar os estatutos da fundação), *Organograma* (onde se pode observar a forma como se organiza a FED), e *Estágios e Voluntariado* (onde se pode encontrar informação breve sobre os estágios e atividades de voluntariado que decorrem ou decorreram na fundação). Por sua vez, o menu *Projectos* possui um submenu *Memória*. Neles, encontra-se, respetivamente, informação resumida sobre os projetos atuais e sobre os que fazem parte da história da FED. É possível, também, visualizar algumas fotografias de atividades desenvolvidas. Em *Centro de Recursos* encontra-se informação sobre o centro de recursos da FED que se situa no Jardim de Infância Teresa Badinca, em Bissau, com livros infantis, manuais, jogos didáticos e outros suportes didáticos para educadores. No menu *Parceiros* encontram-se listados os parceiros da fundação presentes e passados, bem como, ligação para as respetivas páginas de *Internet*, no caso de as possuírem. Em *Como apoiar* expressam-se as formas possíveis de apoio à fundação (compra de produtos, donativos e voluntariado) e podem observar-se fotografias de alguns dos produtos comercializados. No menu *Notícias* encontram-se, como o próprio nome indica, notícias de atividades relacionadas com a FED. Por último, em *Contacte-nos* é possível encontrar os vários contactos da FED, um mapa que permite verificar a sua localização e um formulário para contacto por mensagem.

Resultou uma página simples mas com informação generalizada sobre a missão da fundação e sobre as suas atividades.

6 Discussão

Existe na Guiné-Bissau o estigma de que quem trabalha na agricultura são pessoas sem escolaridade e com alguma idade. Segundo dados do UNDP, a média de anos de escolaridade de adultos é de 2,3 anos²⁰. Comparando-a com escolaridade média dos agricultores de Safim e Nhacra (8,3 anos) verificamos que é muito inferior à que se observa entre eles. Por outro lado, a idade média dos inquiridos é bastante reduzida (27,4 anos). O MEPIR (2011) aponta, por exemplo, o caso da produção de arroz que diz ser, essencialmente, assegurada por agricultores idosos e, muitas vezes, analfabetos. Comparando a tabela 1 com a figura 11 verifica-se que, também neste caso, há discrepância entre os dados oficiais e dos dados recolhidos junto dos agricultores. Por exemplo, na tabela 1 o arroz surge em terceiro lugar enquanto na figura 11 surge em primeiro. A mancarra (amendoim) não é mencionada na tabela 1 mas no levantamento realizado surge com relativa importância, cultivada por 13,7% dos inquiridos. Como tal, o perfil dos agricultores de Safim e Nhacra é bastante diferente do que se suporia e poderá ser um sinal de resposta às dificuldades que a população enfrenta.

As mulheres são responsáveis pela maioria do trabalho nas unidades agrícolas de subsistência e têm um acesso limitado à educação, especialmente nas zonas rurais. De acordo com o MEPIR (2011), a horticultura é uma atividade feminina por excelência que ocupa as associações de mulheres em larga escala, o que vai de encontro aos dados obtidos no estudo sobre a situação alimentar nas comunidades beneficiárias dos projetos geridos pela FED.

Numa situação em que 68% dos inquiridos não tem nenhum elemento no agregado familiar com salário, a produção agrícola torna-se fundamental para assegurar, pelo menos, parte da alimentação.

Segundo Masters (s.d.), dois dos parâmetros da FAO sobre segurança alimentar são: (i) disponibilidade: produção doméstica de alimentos e diversidade de culturas, (ii) acesso: relação percentual entre gastos com alimentação e gastos totais das famílias. Na figura 30 e na tabela 6 verifica-se que há produção doméstica de culturas e que há diversificação. No entanto, de acordo com a mesma tabela, a proporção que se destina a consumo é diminuta. Muitas delas têm como destino a venda ou o consumo e venda. Também, se voltarmos à figura 28, verificamos que quase metade dos inquiridos faz apenas uma refeição por dia. E se voltarmos à tabela 12 verificamos que se consome arroz em todas as refeições provindo a

²⁰ <http://hdrstats.undp.org/en/countries/profiles/GNB.html>

minoria do arroz de produção própria. Tal está em consonância com Bock, 2001 cit. por Bock 2009 que diz que a omnipresença do arroz nos hábitos alimentares dos guineenses desaloja outras culturas locais tais como mandioca, batata doce, milhos, feijões, etc.. O facto de venderem grande parte da produção também está relacionado com os hábitos alimentares por ser uma forma de obter rendimento para adquirir arroz quando termina o de produção própria. No caso dos gastos com alimentação, estes representam a maior parte dos gastos dos agregados familiares (76,6%).

Entre outros, as sementes são importantes por serem a principal forma de estabelecimento, expansão, diversificação e melhoramento da produção agrícola. Verificou-se que 72% dos inquiridos não produz a própria semente (tabela 8), ficando dependente de doações ou de ter dinheiro para as adquirir e comprometendo, por isso, a possibilidade de produzir alimentos para si próprios e para as suas famílias.

A formação, a informação e a consciencialização mostraram ter tido o seu impacto se tivermos em conta que antes de participarem em formação 72% dos inquiridos tinha produção agrícola e depois de participarem em formação esse número aumentou para os 100%, e que se constatou um aumento na diversidade das culturas produzidas. A aprendizagem ao longo da vida é essencial perante os desafios que surgem nas várias dimensões da vida humana e torna-se uma ferramenta de criação de oportunidades. Como tal, 35% dos inquiridos referiu como motivação para participar em formação *aumentar conhecimentos* e 23% *melhorar a capacidade técnica*.

Apesar disto, os exemplos anteriores relativos aos hábitos alimentares e a gastos com a alimentação, mostram que aquela população está longe de alcançar o que se considera ser segurança alimentar.

7 Considerações finais

Como primeiro apontamento, em jeito de considerações finais, importa referir que o estágio foi uma experiência muito rica quer a nível pessoal quer a nível profissional. O período no terreno não foi fácil, essencialmente, por ter sido bastante prolongado e solitário e pelas condições de instabilidade política em que se encontra a Guiné-Bissau. No entanto, prevaleceu a vontade de aprender e foi fundamental o bom acolhimento e acompanhamento da equipa FED e dos seus colaboradores. Foi um privilégio conhecer o trabalho da FED e poder contribuir para ele. Relativamente ao trabalho realizado, foi um desafio condicionado pelas condições locais, principalmente, no que diz respeito a acesso a informação e a energia. A nível pessoal, foram muitas as experiências positivas de aculturação e de amizade.

Desde sempre que a comunicação é um instrumento de integração, instrução, troca e desenvolvimento entre as pessoas. A comunicação está entre os mais relevantes fatores para o sucesso de uma organização. Com o evoluir do tempo as formas de comunicação foram sofrendo mutações e são cada vez mais rápidas, estando em permanente actualização. A *Internet* é hoje é o principal canal de comunicação. Uma página de *Internet* permite que todos procurem informação sobre a organização e as suas atividades. Tem também como função ser a imagem virtual da organização para o mundo. Como tal é de extrema importância que uma organização possua a sua própria página. Nesse aspecto, consideramos uma mudança muito positiva a fundação passar a possuir uma página de *Internet*. Importante será, futuramente, conseguir meios de adquirir um domínio próprio para que se torne mais visível na *web* e mais acessível a todos.

O planeamento estratégico faz-se tendo como meta a organização de uma entidade. Deverá ser um processo estruturado e participativo na definição da orientação do seu futuro. É uma ferramenta de gestão que apoia a organização na identificação da sua capacidade atual, das suas necessidades e dos seus objetivos. Apesar do plano estratégico da FED ter sido construído tendo por base as áreas de atuação da fundação, os princípios por que se rege e objetivos que pretende atingir, não resultou de um processo muito participativo. Quer dizer que a maior parte dos elementos que pertencem à FED não teve oportunidade de expressar as suas opiniões durante a sua elaboração. Pelo que será importante que seja bem debatido antes da sua aprovação. Não obstante, a sua elaboração é também um passo positivo a realçar.

Um currículo é um documento de tipo histórico, que relata a trajetória de uma pessoa ou de uma organização, bem como as suas experiências profissionais, e é uma forma de demonstrar as suas competências. Fornece, portanto, o perfil da pessoa ou da organização. Ter o seu currículo organizado permite à FED possuir um documento que resuma e reflita o seu percurso de forma resumida e que lhe sirva de suporte em candidaturas a apoios ou financiamentos.

O material didático traduzido para língua portuguesa é um instrumento importante que servirá aos propósitos da FED de reforçar capacidades e competências locais, através de momentos de formação não formal. Não obstante, será necessário continuar a pesquisa de outros materiais e será, também, importante que haja oportunidades para os próprios formadores contribuírem para a sua adaptação e melhoria, de forma a que sejam mais adequados à realidade local.

Num contexto onde o sistema educativo se tem afastado das realidades e necessidades do país e onde a procura de formação ultrapassa a oferta, poder proporcionar momentos formativos em áreas fulcrais para o desenvolvimento das comunidades é uma mais valia para a população. Por outro lado, a educação e a formação são instrumentos poderosos na luta contra a pobreza e para a promoção do desenvolvimento rural. Como tal, continuar a encontrar meios e parcerias para que assim aconteça será o caminho a percorrer, sem esquecer que as comunidades estão em constante mudança e que é essencial que se acompanhem essas mudanças e que se adapte a oferta de serviços às suas necessidades. Da mesma forma, a preocupação com a própria formação dos alfabetizadores, formadores ou professores deverá ser constante.

O conceito de segurança alimentar engloba problemas distintos que se relacionam, por exemplo, com questões ligadas à capacidade produtiva do sector agrícola e aos problemas de sustentabilidade, com as desigualdades sociais e com as lacunas no abastecimento e no acesso a alimentos seguros e nutritivos. Porém é um conceito que ainda não é bem entendido por todos. Apesar da abundância e variedade de recursos alimentares (como frutos) constatou-se que a alimentação é muito pouco variada e dependente dos recursos da família. As regiões de Biombo e Oio, onde atua a FED e, especificamente as comunidades onde se realizou o inquérito, são atingidos por insegurança alimentar. A educação alimentar deverá ser uma área

em que se deverá igualmente apostar, dando ênfase à importância de se ter uma alimentação variada e equilibrada. Da mesma forma é primordial que se aposte numa forte sensibilização para o valor dos produtos locais, uma vez que pela elevada quantidade de produtos importados e doados que entram na Guiné-Bissau se alteraram os hábitos alimentares. É essencial lembrar que a natureza lhes proporciona o que precisam para as atividades do quotidiano e para terem uma vida mais saudável. Faltará aprimorarem técnicas tradicionais, ou aprenderem novas técnicas, de conservação e transformação de alimentos para garantirem maior durabilidade dos mesmos.

Sobre os produtos locais e naturais será também fundamental manter parcerias e procurar outras para a pesquisa de novas formas de utilização e de aproveitamento dos mesmos, de métodos para utilizar os subprodutos como matérias primas, para estimular a economia local e a criação de emprego e contribuir para a sustentabilidade do meio, bem como de formas de os comercializar.

Continuar a apostar no reforço das capacidades e competências locais, no domínio da saúde, através da melhoria do acesso à água potável e saneamento e aos serviços de saúde, recorrendo a metodologias participativas, deverá ser igualmente o caminho a seguir, pela FED, como complemento à aposta na educação e na segurança alimentar visando o desenvolvimento das comunidades.

Tudo o que se referiu deverá ter subjacente o que disse o educador Paulo Freire: *ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.*

8 Referências bibliográficas

ALBARELLO, Luc; DIGNEFFE, Françoise; HIERNAUX, Jean-Pierre; MAROY, Christian; RUQUOY, Danielle; SAINT-GEORGES, Pierre de - **Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais**. 1.^a ed. Gradiva, 1997

AMARO, R. R. – **Desenvolvimento – um conceito ultrapassado ou em renovação? Da teoria à prática e da prática à teoria**. Caderno de Estudos Africanos, 2003. Pp. 35-70

BELL, Judith – **Como realizar um projeto de investigação**. 3.^a ed. Gradiva, 2004. ISBN 972-662-524-6

BOCK, Augusto João - **Segurança alimentar – potencialidade dos recursos na Guiné-Bissau e política alimentar**. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa, Instituto Superior de Agronomia, 2009. Tese de doutoramento.

CROSSLEY, Michael; WATSON, Keith – **Comparative and International Research in Education**. 1st Ed., RoutledgeFalmer. London, 2003. ISBN 0-415-19122-X.

DESAI, Vandana; POTTER, Robert B. – **Doing development research**. 2nd Ed., SAGE Publications. London, 2009. ISBN 978 1 4129 0284 7

FAO - **Declaração de Roma Sobre a Segurança Alimentar Mundial e Plano de Ação da Cimeira Mundial da Alimentação**. [em linha] Rome, 1996 [Consultado em 2012/09/25] Disponível na Internet: <http://www.fao.org/docrep/003/w3613p/w3613p00.htm>.

FAO; WFP e IFAD - **The State of Food Insecurity in the World 2012. Economic growth is necessary but not sufficient to accelerate reduction of hunger and malnutrition**. [em linha] Rome, 2012 [Consultado em 2012/09/25] Disponível na Internet: <http://www.fao.org/publications/sofi/en/>.

FAO - **The state of food insecurity in the world 2012 - Infographic**. [em linha] 2012 [Consultado em 2012/09/25] Disponível na Internet: <http://www.fao.org/infographics/pdf/FAO-infographic-SOFI2012-en.pdf>.

INE-GB - **Inquérito Ligeiro para Avaliação da Pobreza II**. [em linha] Bissau, 2011. [Consultado em 2012/08/09] Disponível na Internet: <http://www.stat-guineebissau.com/publicacao/ilap2.pdf>.

IPAD – **Programa Indicativo da Cooperação – Portugal – Guiné-Bissau [2008-2010]**. [em linha] Lisboa, 2008. ISBN: 978-972-8975-16-6 [Consultado em 2012/08/09] Disponível na Internet: http://icsite.cloudapp.netdna-cdn.com/images/cooperacao/pic_guine_08_11.pdf.

MASTERS, Eliot – **Indicators of Food Security**. [em linha] [S.l.] [S.d.] Disponível na Internet: <http://www.fao.org/energy/19792-0753af3f78b224e36969a69321e3af410.pdf>

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van – **Manual de Investigação em Ciências Sociais**. 4.^a Ed. Gradiva. 2005. ISBN 972-662-275-1

ROQUE, Fátima Moura – **África, a NEPAD e o futuro**. 1.^a Ed. Texto Editores. Luanda, 2007

UNDP – **Africa Human Development Report 2012 – Towards a Food Secure Future**. [em linha] New York, 2012. eISBN: 978-92-1-055606-4 [Consultado em 2012/07/03] Disponível na Internet: <http://www.undp.org/content/undp/en/home/librarypage/hdr/africa-human-development-report2012/>.

UNDP - **Relatório do Desenvolvimento Humano - Sustentabilidade e Equidade: Um Futuro Melhor para Todos**. [em linha] 2011. ISBN: 978-92-1-626010-1 [Consultado em 2012/08/09] Disponível na Internet: <http://hdr.undp.org/en/reports/global/hdr2011/download/pt/>.

UNESCO - **Declaração Universal Dos Direitos Humanos**. [em linha] Brasília, 1998. [Consultado em 2012/09/25] Disponível na Internet: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001394/139423por.pdf>.

VALADA, Eliana Forte da - **O papel da formação e do perfil de recursos humanos nos projetos de cooperação e desenvolvimento internacional: Um estudo de caso numa Associação de Desenvolvimento Local**. Braga: Universidade do Minho, 2012. Relatório de estágio de Mestrado.

WFP - **Evaluation approfondie de la securite alimentaire et de la vulnerabilite des menages ruraux en Guinee-Bissau**. [em linha] Roma, 2011. [Consultado em 2012/09/25]
Disponível na Internet:
<http://documents.wfp.org/stellent/groups/public/documents/ena/wfp236186.pdf>

8.1 Fontes documentais

MADR; FAO – **Programa Nacional de Segurança Alimentar**. Bissau, 2007

MADR – **Plano Nacional de Investimento Agrícola**. Bissau, 2010.

MEPIR – **Segundo Documento de Estratégia Nacional de Redução da Pobreza**. Bissau, 2011.

8.2 Sítios de *Internet* consultados:

INE-GB - <http://www.stat-guineebissau.com/>

UNDP - <http://www.undp.org/>

9 Anexos

9.1 Anexo 1 – Inquérito por questionário

INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO

ESTUDO SOBRE A SITUAÇÃO ALIMENTAR NAS COMUNIDADES BENEFICIÁRIAS DOS PROJETOS GERIDOS PELA FUNDAÇÃO EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO.

O presente inquérito foi elaborado no âmbito do Estudo sobre a situação alimentar nas 15 comunidades beneficiárias dos projetos geridos pela Fundação Educação e Desenvolvimento – 13 pertencentes ao Setor de Safim, região de Biombo (Reno, Sede, Safim Djirora, Nghanhan de Baixo, Quinhack, Quindiga, Ponta Adolfo Ramos, Ponta Rocha, Empelum, Intusso, Cumano, Blom e Ensalma) e 2 pertencentes ao Setor de Nhacra, Região de Oio (Teda e Bondade).

1) Género

Feminino		Masculino	
----------	--	-----------	--

2) Idade _____ anos

3) Estado Civil

Solteira(o)		Casada(o)		Divorciada(o)		Viúva(o)		União de facto	
-------------	--	-----------	--	---------------	--	----------	--	----------------	--

4) Agregado familiar

N.º de elementos	Total		Mulheres		Homens			
N.º de crianças	Total		Mulheres		Homens			
Fachas etárias (anos)	0-14		15-19		20-59		> = 60	

5) Escolaridade

- ☐ Formação básica
- ☐ Formação técnica / profissional
- ☐ Formação superior / universitária
- ☐ Não tem formação

6) Crianças em idade escolar

As crianças frequentam a escola?	Sim		Não		Nunca frequentaram?			
Algumas abandonaram?	Sim		Não					
Se sim, qual o motivo do abandono?	Distância		Custos		Outro		Qual?	

7) Qual é a sua situação atual em termos de emprego?

- ☐ no campo desde quando? _____
- ☐ empregado desde quando? _____
- ☐ desempregado desde quando? _____

7.1.) Quantas pessoas do núcleo familiar dispõem de trabalho e/ou têm salário?

8) Que parte do orçamento familiar se destina a:

Alimentação	
Educação	
Saúde	
Roupa	
Sementes	
Materias de trabalho	
Fertilizantes e pesticidas	

9) Rendimentos e poupanças:

- Com os rendimentos familiares atuais, conseguem cobrir todos os gastos? ☐ sim ☐ não
- Têm capacidade de poupança? ☐ sim ☐ não

10) Número de refeições, por dia _____

10.1. Número de refeições em casa _____

10.2. Número de refeições fora de casa _____

11) Produção agrícola: ☐ sim ☐ não

11.1. Em caso afirmativo, área de produção _____(m²)

11.2. Que produtos cultiva? (especificar produto)

- ☐ 1 produto _____
- ☐ 2 produtos _____
- ☐ 3 produtos _____
- ☐ Mais de 3 produtos _____

11.3. Produção para:

Consumo casa (indicar quais)	
Venda (indicar quais)	
Consumo + venda (indicar quais)	

11.4. Produz a(s) própria(s) semente(s)?

Sim		Não	
-----	--	-----	--

11.4.1. Se não, como a obtém?

É doada	
Comprada	

11.5. Como obtém materiais de trabalho (Enxadas, baldes...)?

São doados	
São comprados	
São emprestados	

11.6. Utiliza fertilizantes e pesticidas não naturais?

Sim		Não	
-----	--	-----	--

11.6.1. Se sim, como os obtém?

São doados	
São comprados	

12) Produção agrícola antes do projeto: ☐ sim ☐ não

12.1. Em caso afirmativo, área de produção _____ (m²)

12.2. Que produtos cultivava? (especificar produto)

- ☐ 1 produto _____
- ☐ 2 produtos _____
- ☐ 3 produtos _____
- ☐ Mais de 3 produtos _____

12.3. Produção para:

Consumo casa (indicar quais)	
Venda (indicar quais)	
Consumo + venda (indicar quais)	

13) Produção pecuária: ☐ sim ☐ não

Se sim:

13.1. Que animais cria? _____

- 13.2. Quantos animais? _____
- 13.3. Alimentação dos animais? _____
- 13.4. Tem alojamento próprio para os animais / tipo? _____
- 13.5. Produção para:

Consumo casa (indicar que animais)	
Venda (indicar que animais)	
Consumo + venda (indicar que animais)	

14) Dieta alimentar – consumo semanal

Alimentos		N.º vezes, por semana	Produção própria			
			Sim	Não	% produção	% compra
Arroz						
Milho						
Peixe	Fresco					
	Seco					
	Fumado					
Carne	Vaca					
	Porco					
	Cabra					
	Galinha					
	Pato					
	Caça					
Ovos						
Pão						
Leguminosas	Feijão					
	Grão-de-bico					
	Ervilha					
	Lentilha					
Raízes e tubérculos	Mandioca					
	Batata					
	Cenoura					
	<i>Mafafa</i>					
	Inhame					
	<i>Tifa</i>					
	Nabo					
	Rabanete					

Dieta alimentar – consumo semanal (Continuação)

Alimentos		N.º vezes, por semana	Produção própria			
			Sim	Não	% produção	% compra
Hortícolas	Alface					
	couve					
	repolho					
	Tomate					
	salsa					
	cebola					
	Pimento					
	Pepino					
	Abóbora					
Leite						
Gorduras	Óleo de palma					
	Óleo <i>alimentar</i>					
	Azeite de oliveira					
	Margarina					
	Manteiga					
Açúcar						
(Outros) _____						
(Outros) _____						

14.1. Que alimentos foram introduzidos na dieta alimentar, após participação na(s) formação(ões)?

15) Local de venda e distribuição dos produtos excedentes:

Em casa		Qual?	
Porta-a-porta			
No mercado			
Outro			
Não tenho excedentes			

16) Porque decidiu fazer a(s) formação(ões) proposta(s) pela FED?

17) Identifica mudanças desde que participou na(s) formação(ões) promovida(s) pela FED. Se sim, quais?

Nome _____ do _____ entrevistador(a):

Data: ____/____/2012 Local:

9.2 Anexo 2 – *Curriculum vitae* da Fundação Educação e Desenvolvimento

Curriculum Vitae



fundação educação e desenvolvimento

Nome	Fundação Educação e Desenvolvimento – FED
Tipo de organização	Pessoa coletiva de direito privado, sem fins lucrativos e de unidade pública
Morada	Rua Cacheu nº 1, Bissau, CP. 172
Telemóveis	(+245) 580 40 94 / 658 52 30
Fax	(+245) 320 75 55
Correios eletrónicos	fed@orange-bissau.com alexandre_furtado@hotmail.com
Página de <i>internet</i>	http://fedgb.yolasite.com/
Data de criação	18 de fevereiro de 2002
Missão	<p>Apoiar o desenvolvimento comunitário através da realização, promoção e patrocínio de ações de caráter sócio-educativo, científico, produtivo e cultural.</p> <p>Promoção e realização de:</p> <ul style="list-style-type: none">· Projetos comunitários de ação social destinados à infância, juventude e terceira idade;· Centros comunitários de Educação e Desenvolvimento e de Centros de Recursos de apoio às Escolas, Docentes e Educadores;· Ações de formação de recursos humanos;· Bibliotecas Comunitárias;· Ações de incremento, melhoria e diversificação das produções agrícolas;· Ações visando o ensino da Língua Portuguesa destinadas a jovens e adultos e o desenvolvimento de Línguas nacionais;· Atividades culturais, especialmente nas vertentes desportiva e artística;· Conferências, seminários e colóquios sobre a temática de interesse nacional, privilegiando os que visem a cultura da paz e o aprofundamento da democracia;· Atividades editoriais;· Parcerias na área da cooperação com instituições nacionais e estrangeiras.
Grupos-alvo	<p>As tabancas e os seus projetos de desenvolvimento, os produtores; As crianças, as mulheres, os jovens, os adultos e idosos; Os docentes e não docentes integrados no sistema educativo; As escolas do ensino básico e de formação profissional; As ONG, Associações e instituições locais.</p>
Recursos humanos	<ul style="list-style-type: none">· 1 Doutoramento em Ciências da Educação, Administração e Gestão da Educação (coordenação);· 1 Licenciado em Direito (Assuntos Jurídicos);· 1 Licenciado em Agronomia (formação e apoio poio às comunidades de base no domínio da agricultura);· 1 Licenciado em Ciências da Educação;· 1 técnico de contabilidade (a frequentar a Licenciatura);· 4 Docentes com curso de Magistério Primário (formação, docência, apoio às práticas educativas e seguimento das ações no terreno)

Atividades desenvolvidas

Valorização e diversificação dos produtos locais	<ul style="list-style-type: none">· 2 Técnicos em Educação da Infância (formação de animadores e educadores locais, apoio à organização e monitorização das ações de Educação de Infância);· 2 Licenciados em Educação Física (formação no domínio das atividades desportivas e animação do desporto escolar e comunitário).
Desenvolvimento Humano e Luta Contra Pobreza	<ul style="list-style-type: none">· Reforço do setor agropecuário de Safim e Nhacra em matéria de organização e capacitação das suas comunidades e de acesso aos recursos hídricos". A decorrer (entre 1 de novembro de 2010 e 31 de outubro de 2012) – Parceiro: IEPALA· Projeto “Desenvolvimento do tecido produtivo, em Safim, através da formação e organização da população e da diversificação da produção local”; Entre 2008 e 2010 – Parceiro: IEPALA
Água, Higiene e Saneamento básico nas Escolas	<ul style="list-style-type: none">· Projeto na área de Educação Básica na Tabanca de Cumano. Formação de 7 professores da comunidade, educação básica de 250 crianças, reconstrução e equipamento de uma escola, distribuição de materiais didáticos aos e professores, construção de um poço com depósito elevado, distribuição de refeições diárias às 250 crianças A decorrer (com início no ano letivo 2010-2011), em parceria com o Ministério do Trabalho e da Segurança Social – Portugal;
Educação da Infância - Projeto “Melhorar a Educação da Infância na Guiné-Bissau”	<ul style="list-style-type: none">· Projeto Integrado de água, saneamento e higiene em escolas da Região de Biombo Entre 2007 e 2011, em parceria com os <i>Médicos do Mundo</i> – Portugal e o CREPA.· Projeto <i>Bambaran di Mindjer</i>, no âmbito de Seminários de Formação Contínua para agentes educativos em exercício, em parceria com a Fundação Fé e Cooperação – FEC, em 2009.· Entre 2003 e 2007, em parceria com a Universidade de Aveiro; Formações, atividades práticas, elaboração de orientações para a Educação de Infância; Criação de um Centro de Recursos Educativos para a educação pré-escolar e básica, apetrechado com importantes suportes bibliográficos e lúdicos.
Processamento de caju	<ul style="list-style-type: none">· A FED beneficiou de formações no domínio de processamento do caju (transformação da castanha, manutenção de máquinas e equipamentos de descasca, extração de sumo e vinificação), higiene e prevenção sanitária durante a transformação para a segurança alimentar e equipamentos para a montagem de uma pequena unidade de processamento., em parceria com o Ministério da Agricultura e do Desenvolvimento Rural (2009);
Reforço da segurança alimentar	<ul style="list-style-type: none">· Organização de hortas escolares e terrenos de horticultura que abrangeram um total de 12.046 beneficiários, em Bissau e no setor de Safim, em parceria com a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura - FAO (2009).
Educação Primária para Todos	<ul style="list-style-type: none">· Nas ilhas do Complexo UROK (Formosa, Tchediã e Nago), em parceria com a Tiniguena e o Instituto Maquês de Valle Flor; entre 2006 e 2007; Colaboração em ações de formação de professores de escolas comunitárias.
Atividades culturais e desportivas	<ul style="list-style-type: none">· Construção de dois polivalentes junto às escolas de Djaal e Intingle Realização de um seminário para formação de 21 animadores, no decorrer do ano letivo 2004/2005 (apoio da Embaixada de Portugal).

Educação Básica	<ul style="list-style-type: none"> · Reabilitação e equipamento das Escolas de Háfia, Djaal, Safim e Intingle, num total de 23 salas de aula. · Construção de uma escola em Háfia com 2 salas de aula, um gabinete de direção e uma arrecadação. · Introdução de inovações, como rampas, para facilitar o acesso dos portadores de deficiência às salas de aula e recintos escolares e também como forma de chamar atenção para a necessidade de participação de todos na vida nacional. · Melhoria das suas condições internas, dos espaços envolventes e do seu meio ambiente.
Valorização da função docente	<ul style="list-style-type: none"> · Construção de uma residência para professores em Intingle, com 2 apartamentos para professores casados e quatro quartos para professores solteiros, com capacidades para 2 professores cada; sala de estudo e um pequeno gerador, um sistema TV/vídeo para as suas atividades e para a educação e alfabetização de adultos.
Unidade de Apoio Pedagógico	<ul style="list-style-type: none"> · Em Quinhamel, em parceria com parceria MEN/PAEB/FIRKIDJA.
Educação e formação	
27 de abril de 2010	Participação na formação <i>Ações e Projetos Desenvolvidos pela Caritas RGB e por alguns Países CPLP</i> , promovida pela Cáritas, em Bissau.
14 a 18 de dezembro de 2009	Participação na formação <i>Proteção Social Inclusiva e Conceção de Projetos</i> , promovida pelo Centro Internacional de Formação da OIT/MTSS/POT e MFSLCP-RGB, em Jolandim.
5 a 8 de agosto de 2009	Participação na formação sobre <i>Soberania Alimentar</i> , no âmbito do Programa de Capacitação <i>No Na Tisi No Futuro – Projeto de Reforço das Organizações da Sociedade Civil da Guiné-Bissau</i> , em Bissau.
8 a 10 de julho de 2009	Participação na formação sobre <i>Educação Saúde e Saneamento</i> , no âmbito do Programa de Capacitação <i>No Na Tisi No Futuro – Projeto de Reforço das Organizações da Sociedade Civil da Guiné-Bissau</i> , em Bissau.
10 a 12 de junho de 2009	Participação na formação sobre <i>Justiça Social, Democracia e Direitos Humanos</i> , no âmbito do Programa de Capacitação <i>No Na Tisi No Futuro – Projeto de Reforço das Organizações da Sociedade Civil da Guiné-Bissau</i> , em Bissau.
7 e 8 de maio de 2009	Participação no seminário <i>Ambiente e Desenvolvimento</i> , no âmbito do Programa de Capacitação <i>No Na Tisi No Futuro – Projeto de Reforço das Organizações da Sociedade Civil da Guiné-Bissau</i> , na Escola de Artes e Ofícios de Quelelé, em Bissau, com a duração de 8 horas.
15 a 17 de março de 2009	Participação na formação sobre <i>Ambiente e Desenvolvimento</i> , no âmbito do Programa de Capacitação <i>No Na Tisi No Futuro – Projeto de Reforço das Organizações da Sociedade Civil da Guiné-Bissau</i> , em Bissau.
4 a 6 de março de 2009	Participação na formação sobre <i>OSC (Organizações da Sociedade Civil), Estado e Quadro Legal</i> , no âmbito do Programa de Capacitação <i>No Na Tisi No Futuro – Projeto de Reforço das Organizações da Sociedade Civil da Guiné-Bissau</i> , em Bissau.
5 a 6 de fevereiro de 2009	Participação no seminário <i>Desenvolvimento Enquanto Processo Dinâmico e Integrado</i> , no âmbito do Programa de Capacitação <i>No Na Tisi No Futuro – Projeto de Reforço das Organizações da Sociedade Civil da Guiné-Bissau</i> , na Escola de Artes e Ofícios de Quelelé, em Bissau, com a duração de 12 horas.
26 e 27 de junho de 2008	Participação na formação sobre <i>Técnicas de IEC baseado no SARAR/PHAST</i> , no âmbito do Projeto Água, Saneamento e Higiene nas Escolas da Região de Biombo, promovida pelos <i>Médicos do Mundo-Portugal</i> .
15 de abril de 2008	Participação no <i>Workshop sobre a Dimensão Interna das Organizações da Sociedade Civil Guineense</i> , no âmbito do Programa de Capacitação <i>No Na Tisi No Futuro – Projeto de Reforço das Organizações da Sociedade Civil da Guiné-Bissau</i> .

Parceiros

Associação Guineense para a Paz e Democracia
CREPA – Centro Regional para o Aproveitamento em Água Potável e Saneamento a Baixo Custo
Diocese de Bissau
FAO - Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura
FEC - Fundação Fé e Cooperação
IEPALA – Instituto de Estudos Políticos para a América Latina e África;
Instituto Marquês Valle de Flor
Médicos do Mundo-Portugal
Ministério do Trabalho e da Segurança Social – Portugal;
Tiniguena
Universidade de Aveiro – Departamento de Ciências da Educação

Informação adicional

Julho de 2005

Reconhecimento, por parte do Ministério da Educação e Ensino Superior da República da Guiné-Bissau, pela construção de salas de aula de Ensino Básico com a participação comunitária e na execução de atividades de reforço e melhoria da qualidade do Ensino Básico.

9.3 Anexo 3 - Plano Estratégico da FED 2013 – 2015 (versão provisória)



Plano Estratégico 2013 – 2015
(Versão provisória)

Fundação Educação e Desenvolvimento

2012

ÍNDICE

1.	<u>Enquadramento</u>	1
2.	<u>Missão</u>	1
3.	<u>Valores</u>	2
4.	<u>Estratégias de atuação</u>	2
5.	<u>Eixos estratégicos</u>	3
5.1	<u>Eixo estratégico I – Educação e Formação</u>	3
5.2	<u>Eixo estratégico II – Desenvolvimento comunitário</u>	4
5.3	<u>Eixo estratégico III – Saúde</u>	6
5.4	<u>Eixo estratégico IV – Equidade de género</u>	7
5.5	<u>Eixo estratégico V – Desenvolvimento humano</u>	7
5.6	<u>Eixo estratégico VI – Investigação & Desenvolvimento (I&D)</u>	8
5.7	<u>Eixo estratégico VII – Comunicação e <i>marketing</i></u>	9

1. ENQUADRAMENTO

Criada em 26 de fevereiro de 2002, a Fundação Educação e Desenvolvimento – FED, representa o fruto de um longo processo de análise sistemática dos complexos problemas com que se confronta a Guiné-Bissau desde a sua independência em setembro de 1974, principalmente nos domínios da educação, do desenvolvimento comunitário e da saúde.

2. MISSÃO

A FED é uma pessoa coletiva de direito privado, sem fins lucrativos e de utilidade pública, que tem como finalidade, apoiar o desenvolvimento comunitário através da realização, promoção e apoio de ações de carácter sócio-educativo, científico, produtivo e cultural. Para a realização desses fins, tem, ao longo da sua existência e de acordo com os seus estatutos, promovido várias ações:

Projetos comunitários de ação social destinados à infância, juventude e terceira idade;
Criação de Centros comunitários de Educação e Desenvolvimento e de Centros de Recursos de apoio às Escolas, Docentes e Educadores de Infância;

- Educação de base e educação de infância;
- Ações de formação de recursos humanos;
- Montagem de Bibliotecas Comunitárias;
- Ações de incremento, melhoria e diversificação das produções agrícolas;
- Ações visando o ensino da Língua Portuguesa destinadas a jovens e adultos e o desenvolvimento de Línguas nacionais;
- Atividades culturais, especialmente nas vertentes desportiva e artística;
- Conferências, seminários e colóquios sobre a temática de interesse nacional, privilegiando os que visem a cultura da paz e o aprofundamento da democracia;
- Atividades editoriais;
- Parcerias na área da cooperação com instituições nacionais e estrangeiras.

Tem como grupos-alvo:

- As tabancas e os seus projetos de desenvolvimento, os produtores;
- As crianças, as mulheres, os jovens, os adultos e idosos;
- Os docentes e não docentes integrados no sistema educativo;
- As escolas do ensino Básico e de formação profissional;
- As Organizações Não Governamentais, Associações e Instituições locais.

3. Valores

Os valores pelos quais a FED se rege são:

- Cidadania global;
- Integridade;
- Solidariedade;
- Igualdade;
- Responsabilidade;
- Cooperação;
- Multiculturalidade.

4. Estratégias de atuação

As estratégias de atuação da FED têm sido:

- Flexibilidade, adaptabilidade, dedicação, coerência e perseverança para responder da melhor forma às mais diversas solicitações.
- Conhecimento prévio e profundo do contexto de atuação, através de análises criteriosas dos seus diferentes aspetos, ponto de partida para a definição clara dos objetivos e metas a alcançar e, para a escolha das estratégias e das formas de atuação mais ajustada aos contextos socioculturais e económicos.
- Respeito das políticas e estratégias nacionais, dos planos, programas e projetos definidos e aprovados pelo Governo e os instrumentos específicos definidos e aprovados pelas autoridades locais.
- Integração nas iniciativas já existentes visando o reforço das intervenções e o desenvolvimento de sinergias.
- Desenvolvimento de atividades geradoras de rendimentos e reforço progressivo das capacidades institucionais visando auto financiamento da Fundação, a sustentabilidade e a continuidade das suas ações.
- Transparência e prestação periódica de contas na gestão rigorosa dos seus recursos e de todos os apoios recebidos independentemente da sua dimensão.
- Encontros frequentes com os Ministérios que tutelam as diferentes áreas ou representantes de entidades relevantes.

5. Eixos estratégicos

5.1. Eixo estratégico I – Educação e Formação

◦ Objetivo estratégico 1

Organizar, de forma integrada, a oferta formativa que a FED possa proporcionar em função das necessidades da sociedade.

Objetivo operacional 1.1

Acompanhar proactivamente as necessidades de novas formações e de reestruturação das existentes.

Ações

Identificar as necessidades formativas das comunidades e das regiões respetivas;

Analisar a eficiência da formação existente, avaliando e acreditando toda a oferta formativa.

Objetivo operacional 1.2

Dinamizar as novas ofertas formativas identificadas como necessárias.

Ações

Construir planos de estudo adequados à realidade local e à formação anterior dos destinatários considerando as áreas de saber de cada um.

Objetivo operacional 1.3

Dotar os jovens de competências ao nível da cidadania e da autoaprendizagem e incutir-lhes espírito empreendedor.

Ações

Promover atividades ao nível do empreendedorismo, em parceria com outras entidades;

Proporcionar estágios em entidades parceiras de forma a alargar o conhecimento de práticas, ligados à integração profissional e à prática de cidadania.

Objetivo operacional 1.4

Investir na oferta formativa ao nível da Educação de Infância como a forma mais adequada para proporcionar o acesso à educação de base em condições iguais de oportunidades para todas as crianças.

Ações

Proporcionar momentos de formação não formal destinada a agentes educativos;

Criar pelo menos uma videoteca, uma sala de projeções para exibição de filmes educativos para as crianças;

Apoiar as iniciativas das comunidades em termos de organização de espaços e programas para a educação da infância.

Objetivo operacional 1.5

Investir na oferta formativa ao nível do Ensino Básico no sentido de se atualizarem conhecimentos e se melhorar a qualidade de ensino.

Ações

Proporcionar momentos de formação não formal destinada a agentes educativos;
Acompanhar os docentes e a sua profissionalização.

◦ Objetivo estratégico 2

Desenvolver a formação integral da equipa da FED, dotando-a de competências académicas, científicas, cívicas, pessoais e organizacionais num quadro de responsabilidade social.

Objetivo operacional 2.1

Enriquecer a formação da equipa técnica da FED.

Ações

Realizar e participar em colóquios, seminários, congressos, conferências e outros eventos que fortaleçam, nos seus diferentes âmbitos, a equipa da FED.

5.2. Eixo estratégico II – Desenvolvimento comunitário

◦ Objetivo estratégico 1

Promover a mudança no ambiente das comunidades

Objetivo operacional 1.1

Fomentar atividades para a criação e reforço das competências locais com vista à sustentabilidade e continuidade das ações de desenvolvimento.

Ações

Encontros nas comunidades para se identificarem as principais dificuldades enfrentadas pela comunidade e estratégias conjuntas para as mitigar;

Formação em áreas identificadas pelos membros da comunidade;

Ações de sensibilização para a importância de cada membro da comunidade exercer uma cidadania ativa e das comunidades se transformarem em “comunidades educadoras”.

◦ Objetivo estratégico 2

Reforçar o setor agropecuário nas regiões de intervenção da FED e nas suas comunidades.

Objetivo operacional 2.1

Melhorar a produtividade e a profissionalização dos atores das fileiras agrícola e pecuária em equidade do género e potenciar as valências do Centro de Formação e Produção Agropecuária de Nhacra Teda.

Ações

Continuar a proporcionar ações de sensibilização sobre a importância do uso e diversificação de produtos hortofrutícolas locais;

Continuar a proporcionar formações na área de produção hortofrutícola;

Continuar a proporcionar ações de sensibilização sobre cuidados animais;

Continuar a proporcionar formações sobre como melhorar a produção de animais;

Apoio na criação de cooperativas de produtores e de uma feira local para comercialização de excedentes;

Formações na área de transformação e conservação de produtos.

Objetivo operacional 2.2.

Melhorar o acesso e a gestão de água para fins agropecuários.

Ações

Construção de poços tradicionais;

Ações de sensibilização sobre a importância da água e da sua gestão cuidada.

Objetivo operacional 2.3

Proporcionar equidade no acesso à informação e abrir portas para uma cidadania ativa

Ações

Continuar a formar alfabetizadores;

Aumentar o número de Centros de alfabetização onde se realizam cursos para mulheres (ou homens) adultas (os).

Objetivo estratégico 3

Potenciar a Educação Ambiental nas comunidades

Objetivo operacional 3.1

Aumentar a consciência ambiental no seio das comunidades

Ações

Sessões de sensibilização sobre a importância da preservação dos recursos e da sua utilização sustentável;

Demonstrações de métodos mais amigos de ambiente, por exemplo, para cozinhar;

Demonstrações de formas de reutilização de materiais ou de reciclagem dos mesmos;

Projetos de educação ambiental com as escolas comunitárias;

Ações de saneamento ambiental.

5.3. Eixo estratégico III – Saúde

◦ Objetivo estratégico 1

Contribuir para um ambiente mais propício a uma boa saúde nas comunidades e nas escolas.

Objetivo operacional 1.1

Apoiar o desenvolvimento do Saneamento Total Liderado pela comunidade (CLTS) num plano integrado de forma a se alcançar um ambiente limpo e higiénico.

Ações

Seleção de comunidades para intervenção;

Capacitação de líderes tradicionais e de organismos públicos;

Formação de animadores dentro das comunidades;

Organização de campanhas de Informação, Educação e Comunicação, para a importância de desinfetar a água; higienizar o corpo, as instalações e os alimentos;

Criação de comités de gestão de água, saneamento e higiene dentro das comunidades;

Reabilitação/construção de latrinas;

Criação de mecanismos contínuos de acompanhamento e apoio.

◦ Objetivo estratégico 2

Reforçar a competência local em matéria de cuidados primários de saúde.

Objetivo operacional 2.1

Incentivar para práticas que possam contribuir para a prevenção de certas doenças que põe em risco a saúde das populações.

Ações

Formação de animadores comunitários em matéria de cuidados primários de saúde (higiene pessoal, água potável, saneamento, paludismo, cólera, doenças sexualmente transmissíveis, SIDA, proteção das crianças, aleitamento materno e cuidados com as mulheres grávidas antes e depois dos partos);

Distribuição de material informativo sobre algumas doenças (formas de transmissão e prevenção);

Organização de sessões de animação nas escolas.

5.4. Eixo estratégico IV – Equidade de género

◦ Objetivo estratégico 1

Reforçar a posição social da mulher guineense na família, na sociedade e nas esferas de decisão política.

Objetivo operacional 1.1

Integrar a equidade de género, em todos os processos-chave, nas políticas, estratégias e programas da FED.

Ações

Formar o pessoal da FED e implicados nas atividades sobre questões de género e promoção de igualdade de género em todas as atividades;

Educação das comunidades em igualdade em matéria de igualdade de género.

◦ Objetivo estratégico 2

Garantir a equidade de género no acesso universal aos cuidados de saúde.

Objetivo operacional 2.1

Promover a participação de mulheres e homens no desenvolvimento do setor de saúde.

Ações

Ações de sensibilização junto das comunidades e nas escolas sobre a importância da equidade de género na área da saúde.

Objetivo operacional 2.2

Promover e divulgar os direitos reprodutivos e as medidas legais de proteção contra o abuso sexual, a violência física e doméstica.

Ações

Ações de sensibilização junto das comunidades e nas escolas sobre o tema.

Objetivo operacional 2.3

Melhorar a qualidade dos serviços prestados nas unidades de saúde.

Ações

Proporcionar momentos de formação não formal destinada a técnicos de saúde.

5.5. Eixo estratégico V – Desenvolvimento humano

◦ Objetivo estratégico 1

Implementar um sistema de gestão do desenvolvimento humano.

Objetivo operacional 1.1

Garantir um sistema de organização do trabalho que, suportado nas competências e empenho dos colaboradores, desenvolva metodologias e circuitos eficientes.

Ações

Estudar e realizar a necessária adequação de competências para bom desenvolvimento de funções em cada posto de trabalho;

Recrutar com base numa análise criteriosa das necessidades da organização;

Desenvolver um sistema de avaliação de desempenho que inclua um sistema de recompensas que premeie o mérito.

Objetivo operacional 1.2.

Desenvolver um sistema de gestão do conhecimento que integre e valorize as pessoas e suas competências e as transforme no ativo mais valioso da Instituição.

Ações

Promover e organizar a formação contínua dos colaboradores;

Organizar, de modo integrado, as pessoas e as suas competências no cumprimento da missão da instituição.

◦ Objetivo estratégico 2

Promover um clima organizacional que contribua para o bem-estar e a realização profissional das pessoas.

Objetivo operacional 2.1

Desenvolver instrumentos que permitam uma comunicação eficaz, uma participação ativa e promovam o bem-estar das pessoas.

Ações

Implementar reuniões sistemáticas organizadas por áreas e serviços;

Promover ações culturais e lúdicas que desenvolvam o espírito de comunidade e de pertença.

5.6. Eixo estratégico VI – Investigação & Desenvolvimento (I&D)

◦ Objetivo estratégico 1

Definir principais linhas de investigação da Instituição.

Objetivo Operacional 1.1

Identificar áreas de investigação e prestação de serviços à comunidade relacionadas com os serviços prestados.

Ações

Definir as linhas de investigação prioritárias transversais à formação, à intervenção na comunidade e à formação avançada, bem como encontrar recursos para essas linhas;

Enquadrar e apoiar iniciativas de investigação, desenvolvimento e prestação de serviços.

Objetivo Operacional 1.2

Identificar necessidades e oportunidades de investigação e desenvolvimento a nível regional, nacional e internacional.

Ações

Difundir as competências instaladas, na área de I&D, tendo em vista a valorização do conhecimento;

Identificar organismos com capacidade para desenvolver projetos e/ou prestações de serviços com a FED.

◦ Objetivo estratégico 2

Produzir, aplicar e divulgar conhecimentos e tecnologia

Objetivo Operacional 2.1

Produzir conhecimento.

Ações

Envolver os formandos nos projetos de desenvolvimento e inovação.

Objetivo Operacional 2.2

Divulgar a produção científica.

Ações

Realizar sessões de divulgação do trabalho à comunidade;

Criar meios adequados à divulgação e um repositório da produção científica;

Promover eventos sociais e científicos ao redor das grandes questões do desenvolvimento regional.

5.7. Eixo estratégico VII – Comunicação e marketing

◦ Objetivo estratégico 1

Desenvolver e consolidar a marca “FED” como uma organização de referência nas áreas da educação, do desenvolvimento e da saúde, pela sua qualidade global e pelas suas áreas de intervenção, atual, aberta e plural, que serve as comunidades e o país.

Objetivo Operacional 1.1

Conseguir uma boa imagem da FED nas comunidades.

Ações

Divulgar os trabalhos realizados, através de todo o tipo de iniciativas e eventos que se tenham por adequados: rádio, pequenas publicações regulares, página de *Internet*, etc.

Objetivo Operacional 1.2

Estabelecer modelos de comunicação que favoreçam a identidade, o espírito de partilha e o envolvimento das comunidades interna e externa.

Ações

Dinamizar a página de *Internet* com informação atualizada, fiável e atrativa e com a disponibilização de serviços;

Criar uma rádio comunitária para informações às comunidades e divulgação das atividades da FED.

Objetivo Operacional 1.3

Aumentar o nível de penetração da informação relativa à FED nos órgãos de comunicação.

Ações

Assegurar uma presença constante nos meios de comunicação social, principalmente na rádio que é o meio que é mais acessível às comunidades;

Efetuar a divulgação de resultados das diversas iniciativas e atividades desenvolvidas.